



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL – CAMPUS SÃO BORJA/RS**

LAUREN AMARO DOS SANTOS

**MERCADO DE DROGAS E A MEDIAÇÃO COM A QUESTÃO SOCIAL: Uma
análise do livro “os supridores”**

**São Borja
2026**

LAUREN AMARO DOS SANTOS

**MERCADO DE DROGAS E A MEDIAÇÃO COM A QUESTÃO SOCIAL: Uma
análise do livro “os supridores”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: José Wesley Ferreira

**São Borja
2026**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S237m Santos, Lauren Amaro dos

MERCADO DE DROGAS E A MEDIAÇÃO COM A QUESTÃO SOCIAL: Uma
análise do livro "os supridores" / Lauren Amaro dos Santos.
66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, SERVIÇO SOCIAL, 2026.

"Orientação: José Wesley Ferreira".

1. questão social. 2. mercado de drogas. 3. mediação. 4.
superexploração do trabalho. I. Título.

Amaro dos Santos

Lauren

MERCADO DE DROGAS E A MEDIAÇÃO COM A QUESTÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DO LIVRO "OS SUPRIDORES"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel(a) em Serviço Social.

Dissertação defendida e aprovada em: 08 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Professor Dr. José Wesley Ferreira
Orientador
(Unipampa)

Assistente Social Me. Marlon da Silva Jara
(Cras - Passo)

Profe Dre. Monique Bronzoni Damascena
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **JOSE WESLEY FERREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/07/2026, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MONIQUE BRONZONI DAMASCENA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/07/2026, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Marlon da Silva Jara, Usuário Externo**, em 14/07/2026, às 21:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2071294** e o código CRC **20C64DA4**.

Aos que não tiveram o direito de escolher.
A todos/as aqueles/as que, na luta diária
contra as condições degradantes
impostas pela desigualdade social, foram
empurrados para a criminalidade como
forma de sobrevivência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Letiane, por sempre me apoiar e incentivar a ir atrás dos meus sonhos, à minha avó Iza, por me ensinar a ter esperança e disciplina para derrubar os obstáculos da vida, à minha irmã Luiza por me permitir sentir o amor mais puro que já senti.

Aos meus amigos que viraram família durante a graduação, Mariana Erthal, Elis Regina, Hadassa, Kauany, Eduarda Menezes, Nathiele, Antonio Kanaan, com direito a almoços de domingo e chimarrão na praça ao entardecer, vocês fizeram com que a jornada mais leve e linda.

Aos meus amigos Rafaela, Tayna, Yngrid, Isadora e Ivan que foram presença, conversas sensíveis mas também conversas supérfluas para descontrair a vida. Aos meus companheiros de luta João Paulo, Maurin Jaqueline, por me fazerem sentir o afeto mover a luta, agradeço também ao movimento estudantil do serviço social (MESS), a Executiva nacional de estudantes de serviço social (ENESSO) e os/as companheiros/as que nela conheci, pela experiência no movimento estudantil por e me fazerem enxergar o quão potente e transformador o movimento coletivo é.

Aos meus amigos Luiza, Carlos, Fanfa e Rigoli que mesmo de longe sempre me apoiaram e fizeram eu me sentir amada.

Ao meu orientador, José Wesley, por acreditar no meu potencial e me guiar nesse processo, oportunizando discussões tão significativas e transformadoras.

À professora Solange, agradeço pela oportunidade de ingressar em projetos de extensão e pesquisa, por todos os aprendizados que os mesmos me proporcionaram e além disso, pelo afeto construído ao longo da graduação, saber que tem gente trabalhando muito para que permaneçamos na universidade e vivamos todas as experiências possíveis dentro dela é gratificante.

À professora Monique, pelo aceite na banca e por ser exemplo de profissional e professora, me inspiro muito na tua trajetória e em como tu transmites o teu conhecimento.

Ao Marlon, por aceitar o convite e fazer parte da banca e contribuir com a construção desse trabalho.

À Universidade Federal do Pampa por me proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade.

À todos/as os/as professores/as do curso de serviço social pelos ensinamentos e contribuições que irão me formar enquanto profissional.

A todos/as os/as colegas do curso de serviço social pelos diálogos em sala de aula, o aprendizado coletivo é muito mais proveitoso.

"Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado"

Karl Marx

RESUMO

A presente monografia discute como as desigualdades sociais são condicionantes para o ingresso do/a trabalhador/a no mercado de trabalho enquanto alternativa de sobrevivência no modo de produção capitalista. O objetivo deste estudo é desvendar as mediações da questão social com o mercado de drogas que se expressam no livro “Os supridores”, com a finalidade de produzir conhecimentos que subsidiem a compreensão da arte como uma atividade que fomenta a resistência diante das desigualdades sociais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, qualitativa no livro “Os Supridores” de José Falero a partir da análise de conteúdo de Bardin e utilizando o método histórico-dialético de Marx. Foi possível perceber que as expressões de desigualdade da questão social são condicionantes para o ingresso no mercado de drogas, e que esse ingresso é uma forma de sobrevivência e alternativa de resistência com a perspectiva de melhora frente às condições materiais impostas pela situação de pobreza à classe trabalhadora. Conclui-se que há necessidade de organização coletiva e de transformação da estrutura do trabalho através de uma redistribuição igualitária do produto socialmente produzido, pois enquanto a organização do trabalho continuar sendo feito através da exploração e apropriação dos meios de produção, as condições da classe trabalhadora serão desiguais, e essa organização coletiva se dará com fomentos na educação para a construção de uma consciência crítica na classe trabalhadora.

Palavras-Chave: Questão Social; Mercado de drogas; Superexploração do trabalho; Mediação.

RESUMEN

Esta monografía analiza cómo las desigualdades sociales condicionan la inserción de los trabajadores en el mercado laboral como medio de supervivencia dentro del modo de producción capitalista. El estudio busca desentrañar las mediaciones entre la "cuestión social" y el mercado de drogas —tal como se retrata en el libro **Os Supridores**— con el fin de generar conocimiento que permita comprender el arte como una actividad que fomenta la resistencia frente a las desigualdades sociales. Para ello, se llevó a cabo un estudio bibliográfico cualitativo de la obra **Os Supridores**, de José Falero, empleando el análisis de contenido de Bardin y el método histórico-dialéctico de Marx. Los hallazgos revelan que las manifestaciones de desigualdad inherentes a la "cuestión social" impulsan el ingreso al mercado de drogas; dicho ingreso actúa como una estrategia de supervivencia y una forma de resistencia, ofreciendo una perspectiva de mejora respecto a las condiciones materiales que la pobreza impone a la clase trabajadora. El estudio concluye que existe la necesidad de una organización colectiva y de transformar las estructuras laborales mediante la redistribución igualitaria de la riqueza producida socialmente; mientras el trabajo siga organizado en torno a la explotación y la apropiación privada de los medios de producción, las condiciones de la clase trabajadora continuarán siendo desiguales. Tal organización colectiva debe impulsarse mediante iniciativas educativas orientadas a fomentar una conciencia crítica en el seno de la clase trabajadora.

Palabras clave: Cuestión social; Mercado de drogas; Superexplotación del trabajo; Mediación.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....	20
2.1	Questão social: Classe, raça e gênero.....	20
2.2	Mercado e Trabalho legal e ilegal.....	24
2.3	Mediação: expressões da questão social e mercado de drogas.....	28
3	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
3.1	Livro “Os Supridores”.....	29
3.2	Expressões da questão social.....	32
3.2.1	Materialmente e na consciência.....	32
3.2.2	Produzidas socialmente que se manifestam na vida privada.....	42
3.3	Mercado de trabalho ilegal.....	47
3.3.1	Precarização do trabalho como condicionante.....	47
3.3.2	Circulação da mercadoria.....	53
3.3.3	Violência que perpassa a exploração do trabalho.....	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A: Roteiro para coleta de dados bibliográficos.....	66

1 INTRODUÇÃO

A formulação do objeto de estudo partiu do pressuposto de que o ingresso no mercado de drogas é uma decorrência da questão social, visto que situações de vulnerabilidade social tendem a contribuir para o ingresso no mercado de drogas, o qual por vezes é visto como forma de sobrevivência ou uma alternativa para mudança de vida. Para muitos é a realidade do território que está inserido, nas periferias o único exemplo de vida na qual pode-se usufruir de grande parte do produto social e sem desejos que nunca serão realizados é de quem está inserido no mercado de drogas. Pois quem acorda cedo todos os dias para trabalhar, estudar, tem que se esforçar 10 vezes mais. Se a meritocracia realmente existisse, a favela teria vencido a muito tempo.

Quem segura um fuzil quando o menor sonhava em ser jogador
 Mas, sem dinheiro, não decola
 Sem dinheiro são poucas escolhas
 O favelado na favela vive dentro de uma bolha
 O favelado na favela vive e sobrevive nela
 Eu sou o favelado que vive pela favela, porra!
 A escola me reprovou de série, mas a rua me aprovou pra ser representante dela. (ADL, 2018, 06:16).

Esse trecho da música fala sobre a realidade de quem vive na favela, a bolha que ela é envolta, onde muitas vezes as políticas públicas não chegam, onde não sobra dinheiro para ser o que quer, não há muita escolha, quando nem a educação acolhe o mercado de drogas acolhe.

A realização deste estudo justifica-se, pessoalmente, por acompanhar a trajetória acadêmica da pesquisadora que durante o componente de pesquisa II estudou o tema do preconceito e estigma sofrido por pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas. Assim como realizou o estágio supervisionado em ambiente hospitalar no qual teve aproximação com a internação em saúde mental, local onde apareciam diversos casos de pessoas inseridas no mercado de drogas, observou-se lá que os determinantes para a inserção nesse mercado eram, muitas vezes, intrínseco a vida daquela pessoa, pois era a única alternativa/realidade conhecida para subsistência. Isso tinha relação com os atravessamentos de classe, raça e

gênero, visto que, a grande parte daquelas pessoas vivenciavam uma realidade de vulnerabilidade social, sem acesso a políticas de proteção social, e que enxergavam no mercado de drogas uma alternativa de melhora de vida. No âmbito social da pesquisa, se expressa na superação do estigma em relação ao ingresso no mercado de drogas, para que se possa visualizar situações de vulnerabilidade social como condicionantes e formas de sobrevivência e/ou alternativa de para mudança de vida.

No âmbito acadêmico pela escassez de pesquisas que relacionam a mediação da expressões da questão social que aparecem no cotidiano da classe trabalhadora enquanto condicionantes e a precarização do trabalho no modo de produção capitalista, visualizado através do levantamento bibliográfico, constatado no estado da arte, visto que eles não fornecem uma melhora das condições de vida e uma superação da alienação, e a mediação desses processos com a inserção em mercados ilegais como forma de sobrevivência, melhora de vida e superação da alienação. Sob a perspectiva profissional e intervencional a relevância desta pesquisa reside em ser um debate sobre as expressões da questão social, objeto central de trabalho do assistente social social, e em fornecer aos profissionais assistentes sociais reflexões a fim de superar o estigma construído em torno do mercado de drogas, para que os mesmos utilizem da mediação desses dois processos para construir ferramentas de intervenção profissional com essa população.

Existe o interesse de compreender como o materialismo histórico-dialético crítico poderia explicar tal fenômeno. Em razão disso, buscou-se pesquisar como o serviço social aborda o tráfico de drogas, esse levantamento constituiu o estado da arte da monografia para identificar o que já havia sido produzido sobre o tema, quais são as conclusões consolidadas e, principalmente, quais são as lacunas de conhecimento na literatura. Foram evidenciadas sete produções, duas teses e cinco periódicos. Para a escolha das teses foi pesquisado no banco de teses e dissertações da PUC-RS, e foram selecionados os trabalhos que se aproximaram da temática, e os cinco periódicos foram resultados de uma busca no SCIELO por produções das revistas: Serviço Social e Sociedade; Katálýsis e Temporalis, com os marcadores: drogas; serviço social; tráfico de drogas. Utilizou-se os cinco primeiros que apareceram na busca.

Segue abaixo o quadro com o título de cada periódico, os marcadores utilizados para encontrá-los, a revista a qual fazem parte e ano de publicação:

Quadro 1: Estado da arte: drogas e serviço social

TÍTULO	DESCRITOR	REVISTA	ANO
Mulheres e reprodução social no mercado ilegal das drogas no Brasil e na Colômbia	drogas; serviço social	Serviço Social & Sociedade	2025
Produção de conhecimentos no Serviço Social e o debate sobre drogas	drogas; serviço social	Revista Katálisis	2024
Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas	drogas; serviço social	Serviço Social & Sociedade	2013
A política de descriminalização de drogas em Portugal	drogas; serviço social	Serviço Social & Sociedade	2013
A Violência No Cotidiano Da Juventude Negra: Um Olhar Sobre A Questão	drogas	Temporalis	2014
Despossuídas Do Século Xxi: Mulheres No Mercado De Drogas No Brasil Na Última Década (2006-2016)	drogas; serviço social	Tese	2019
A Racialização Como Estruturante Da Questão Social: Entre Silêncios E Insurgências Na Produção De Conhecimento Em Serviço Social	drogas; serviço social	Tese	2022

Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora.

A partir da leitura e construção do fichamento desses trabalhos, foi observado algumas categorias mais citadas nas produções e mais relevantes para a presente pesquisa, que foram: A categoria de determinantes de classe, raça e gênero no chão de fábrica do mercado de drogas que aparece em quatro produções, a categoria criminalização da pobreza que aparece em seis das sete produções, a categoria geografia favorecedora para a superexploração, aparece em duas produções e a categoria exploração do trabalho no mercado de drogas, em sua forma concreta, aparece em duas produções.

Em relação aos determinantes de classe, gênero e raça, o estado da arte nos mostra que o perfil de pessoas que são presas pelo tráfico de drogas são do gênero feminino, pessoas negras e em situação de vulnerabilidade social. Segundo o II Relatório Brasileiro sobre Drogas - Sumário Executivo, Brasil (2021) em 2016 as pessoas presas por tráfico de drogas equivalem a 28% das pessoas privadas de liberdade, e 62% das mulheres que estão encarceradas têm por sentença o tráfico de drogas, enquanto para os homens, são 26%. Surgiu, também, no estado da arte, mas especificamente na produção da autora Duarte (2019) que o ingresso das mulheres no tráfico guarda relação direta com a possibilidade de continuarem exercendo os cuidados domésticos, e mantendo o papel social atribuído ao sexo/gênero, tanto que o dinheiro ganho é investido na família ou na compra de uma quantidade maior de drogas. Dentro do mercado das drogas a desigualdade de gênero é uma categoria fundante, não diferente do mercado lícito, aonde coloca-se a mulher em cargos precarizados, deixando-a não apenas acaba em um trabalho sucateado colocando-a como “destituída dos seus direitos” como também “tem sua humanidade reduzida à abjeção” (Duarte, 2019, p. 163). A produção traz, também, um relato:

Comecei a vender quando eu estava grávida do meu primeiro filho. Minha mãe tinha me dado um dinheiro para o enxoval do meu filho porque aquele desgraçado [o pai do filho] não ia comprar nada! Ai eu resolvi com esse dinheiro pegar crack para vender. Para também ajudar minha mãe comprar as coisas para o menino. Só minha mãe comprando não dava certo, porque ela ficava jogando na minha cara um bocado de coisas. Eu fui e vendi sem ela saber, escondido, em outra rua. E vendendo crack vendendo, vendendo (Bia, 20 anos) (Moreira, 2012, p.78-79 apud Duarte, 2019, p.163).

Os dados sobre o encarceramento perpassam pela raça, também. 64% das pessoas presas se auto identificam como pessoas negras, enquanto 35% como pessoas brancas (Brasil, 2021). O que apareceu no estado da arte foi que as relações sociais no Brasil tem relação direta com o período escravista, “não se conhece a história do Brasil sem conhecer a história da escravidão pelo papel central que teve o/a negro/a escravo/a na formação social e econômica do país.” (Duarte, 2019, p. 23). E falar desse papel central é falar de exploração, de destruição de famílias, de vidas, cujos reflexos se dão até os dias de hoje.

O estado da arte abrangeu o Estatuto do Jurídico do Escravo (1824 - Império) e a sua relação com o estado penal atual e o tratamento jurídico contemporâneo dirigido às pessoas negras.

Ainda que não estejamos sob um mesmo sistema jurídico, os desdobramentos interpretativos e assimilatórios seguem a estruturação hierárquica escravocrata relativa à prisão de pessoas brancas e negras, nas quais “as regras aplicadas aos escravos/as eram sempre uma exceção ao Direito comum” (Campello, 2018, p.127 apud Duarte, 2019, p. 146).

O estado penal sempre terá exceções para um lado, as regras sempre serão “quebradas” para a manutenção da estrutura de sociedade atual, que é racista, patriarcal e classista.

Durante a construção do projeto de pesquisa, aconteceu a operação policial mais letal do estado do Rio de Janeiro, que ultrapassou o massacre do Carandiru, ela ocorreu no Complexo do Alemão e da Penha no dia 28 de outubro de 2025, com mais de 121 mortos e 113 presos. Segundo informações do Palácio Guanabara Folha, (2025), foi uma operação orquestrada pelo Estado do Rio de Janeiro, envolvendo cerca de 2.500 agentes das forças estaduais de segurança e drones, dois helicópteros, 32 blindados e 12 veículos de demolição, o objetivo da operação era combater o avanço do CV (Comando Vermelho) e cumprir 100 mandados de prisão contra integrantes e lideranças criminosas da facção.

Essa operação não foi realizada para de fato acabar com o tráfico, até porque a raiz do tráfico não está nos complexos, nas periferias, compreendemos aqui que a lógica de segurança do Estado se dá através da força e do medo e não de

legislações e políticas públicas e que a repressão policial serve como forma de criminalização da pobreza. Um exemplo disso é que o governo do Rio de Janeiro não investiu nada em perícia técnico-científica em 2024, mas destinou mais de R\$10 bilhões às corporações policiais, segundo dados a partir de estudo da Plataforma Justa da Folha de S. Paulo (Folha, 2025), esses dados mostram o descaso do estado com investigações qualificadas que cheguem à raiz desses fenômenos.

Em contraponto, as operações que tiveram como objetivo a investigação e inteligência que focaram na estrutura desses esquemas, como a Operação Carbono Oculto em São Paulo, que foi uma ação que atacou a base financeira do PCC coordenada entre Ministério Público, polícias estaduais e federal e o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF). Esta ação foi através da inteligência e articulação de órgãos públicos, que atacaram a base desarticulando o circuito de lavagem de dinheiro que sustenta a facção. (Folha, 2025). A Operação Déjà Vu de outubro de 2023 no Rio de Janeiro é outro exemplo, ela foi uma investigação de crimes de peculato (apropriação de substâncias apreendidas) e de organização criminosa praticados por policiais civis, agentes e o delegado de polícia, que se deu através de mensagens interceptadas e análise financeira, de crimes que estavam ocorrendo dentro da organização estatal, a qual deveria proibir e responsabilizar esses crimes. (Brasil, 2023) .

Já está mais que comprovado que a violência policial dentro das periferias não combate o crime organizado, ele apenas revolta ainda mais a população que precisa vivenciar essa violência todos os dias. “O morro tá cansado de aturar a polícia entrar e atirar e antes de ir embora, deixar no chão o corpo de uma mulher preta” (Adl, 2023, 07:09), esse trecho da música elucida isso.

Outro fenômeno atual que atravessa essa discussão diz respeito ao ataque do estado norte-americano no governo de Donald Trump à Venezuela e sequestro do atual presidente Nicolás Maduro com a justificativa de estar combatendo o narcotráfico, não entraremos nos pormenores de toda essa ação, entretanto, o que importa aqui é a justificativa utilizada para atacar um país de forma extremamente violenta, os ataques resultaram em 100 pessoas mortas, segundo o ministro do Interior da Venezuela, Diosdado Cabello (Ataque..., 2026). Isso só reforça o estigma que a América Latina carrega como uma fronteira a ser “pacificada”, e que precisa de intervenção externa.

O universo da pesquisa compreende a produção de José Falero voltada para o debate do cotidiano da classe trabalhadora e a história de trabalhadores que se inseriram no mercado de drogas com a perspectiva de melhora de vida. Como delimitação para este estudo, a amostra coincide com o próprio universo, configurando-se como uma amostra por senso, de todo o livro. O corpus bibliográfico analisado foi a obra intitulada "Os Supridores", em sua 1ª edição, publicada pela editora Todavia no ano de 2020, composta por 22 capítulos e um total de 302 páginas. Foi utilizada a obra para análise em razão de se enxergar a arte e a literatura como expressões do cotidiano da vida da classe trabalhadora, trazendo a tona situações que passam despercebidas aos olhos de quem não as vive

O problema da pesquisa é “Como são retratadas as mediações da questão social com o mercado de drogas no livro ‘Os supridores’?”. Como objetivos do trabalho construiu-se o objetivo geral, que é “Desvendar as mediações da questão social com o mercado de drogas que se expressam no livro ‘Os supridores’, com a finalidade de produzir conhecimentos que subsidiem a compreensão da arte como uma atividade que fomenta a resistência diante das desigualdades sociais”. Os objetivos específicos que são: 1) “Identificar as expressões da questão social no livro ‘Os Supridores’, a fim de, compreendê-las como condicionantes para o ingresso e permanência no mercado de drogas” e 2) “Analisar como o mercado de drogas aparece no livro ‘Os Supridores’, com o intuito de compreender a precarização do trabalho como condicionante para ingresso no mercado de drogas e a organização do processo de trabalho no mercado das drogas contribui para reproduzir a questão social. Para alcançar esses objetivos a metodologia utilizada foi o tipo de pesquisa qualitativa, exploratória e aplicada, o método de análise é o materialismo histórico dialético-crítico e a técnica utilizada para analisar os dados foi a análise de conteúdo, feita através de uma ficha bibliográfica e como instrumento foi utilizado o roteiro de análise.

A classificação da pesquisa é qualitativa, a qual segundo (Minayo, 2001, p. 22).

Se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado,[...] com um universo de significados, motivações, aspirações,

crenças, valores e atitudes [...] significado das ações e relações humanas [...] não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

A pesquisa é exploratória pois:

[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...] apresentam menor rigidez no planejamento [...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (Gil, 2002, p. 27).

E é uma pesquisa aplicada, (GIL, 2002, p. 41) vai dizer que são pesquisas voltadas a resolver problemas identificados no âmbito da sociedade “pesquisas voltadas à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica”. Sendo assim, ela tem como objetivo pesquisar na área do serviço social para promover discussões em relação ao trabalho do profissional, as expressões da questão social.

O método que será utilizado na pesquisa é o materialismo histórico dialético-crítico, a escolha desse método se dá pela possibilidade de analisar a realidade além do que está posto como imediato, entender as particularidades e as mediações delas com os processos universais produzidos pela totalidade das relações de produção. As categorias centrais do método são a totalidade, contradição, mediação e a historicidade.

A totalidade é a maneira de apreender a realidade, as conexões internas do movimento da realidade, para além do fenômeno aparente, adentrando na sua essência, nas mediações das partes e suas articulações com o todo que a compõe. (Kosik apud Damascena; Neto; Silva, 2022, p. 5). Por exemplo, apreender que situação de um trabalhador superexplorado que se insere no mercado de drogas é com a perspectiva de superar a situação de pobreza na qual vive com o salário que só permite a sobrevivência precária, e não por uma motivação individual.

Em relação a categoria mediação é a junção dos contrários que dão sentido à totalidade, é a série de processos que articulam os processos aparentemente singulares com a totalidade. Esse movimento ocorre por meio de uma regressão na qual parte-se do concreto despido de mediações na busca de suas determinações

que possibilitam progredir na apreensão das mediações do fenômeno singular com os processos universais (Pontes, 1995). Esse processo de regressão/progressão ancora-se na historicidade do fenômeno-objeto, para aprendê-la é necessário fragmentar e analisar cada parte encontrando as medições que mostram às determinações do fenômeno por meio de saltos qualitativos (Damascena; Neto; Silva, 2022).

Será utilizada para análise dos resultados a análise de conteúdo da (Bardin, 2016, p. 15) “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.”

Essa análise tem três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise serve para tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, geralmente ela é a parte de “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 2016, p. 125). Posteriormente vem a exploração do material que “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2016, p.131). E por fim o tratamento dos dos resultados que é onde “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ‘falantes’ e válidos” (Bardin, 2016, p. 131).

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo constará os conceitos gerais que fundamentam esta pesquisa, discutindo os conceitos gerais e as principais categorias da análise através de uma revisão da literatura, para dar sustentação teórica ao estudo.

2.1 QUESTÃO SOCIAL: Classe, raça e gênero

Iamamoto é uma das autoras do serviço social que irá iniciar os debates e estudos acerca da questão social no Brasil, ela vai definir a questão social como:

[...] o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (Iamamoto, 2001, p. 27).

Sendo então esse processo de produção coletivizada entre toda a classe trabalhadora, todos trabalham, mas o resultado dessa produção se concentra na mão da burguesia, aí se encontra a contradição do modo de produção capitalista, capital X trabalho do qual surge a questão social.

Iamamoto, (2001) nós traz ainda que as expressões da questão social são as desigualdades inerentes desse processo de produção/acumulação da riqueza que é realizada pelos trabalhadores, mas também é rebeldia que é a resistência desses trabalhadores frente às desigualdades, as estratégias que eles traçaram de sobrevivência frente a esse processo. E é exatamente nessa tensão entre produção de desigualdade e produção de resistência que os assistentes sociais trabalham, nesse terreno movido por interesses sociais distintos, interesses da ordem social vigente contra os interesses da classe trabalhadora (Iamamoto, 2001).

Importante ressaltar que a questão social em si só irá aparecer de forma concreta com o início do modo de produção capitalista, entretanto, Netto (2001) apud Costa e Rafael (2021) nos trás que havia uma existência latente de uma questão social no período escravocrata, mas ela só aparece de forma explícita a partir e “em razão do trabalho livre da industrialização e das lutas desencadeadas

pelos trabalhadores na defesa de direitos sociais, políticas sociais e melhores condições de trabalho e de vida. (Netto, 2001 apud Costa; Rafael, 2021, p. 82).

Como consequência das lutas travadas pelos trabalhadores, que ameaçavam os valores da sociedade burguesa, valores estes que foram trazidos de sociedades anteriores e no capitalismo atualizadas como forma ideológica de governabilidade, como “a moral, a religião e a ordem pública”, o Estado irá se colocar como força repressora a fim de estabelecer um “controle social da exploração da forma de trabalho” (Costa; Rafael, 2021, p. 78). Nesse sentido, entendemos o Estado como uma instituição burguesa que irá se posicionar a fim de preservar essa estrutura de exploração e expropriação da mão de obra, utilizando da ideologia e controle repressivo.

Costa e Rafael, (2021) vão utilizar Marx (2013) para compreensão e intervenção da realidade e a partir disso frisar que a questão social não pode ser tratada e analisada como problemas isolados ou individuais dos indivíduos, ela reforça que as disparidades não são só de classe, mas também nas relações de gênero, relações étnico-raciais e formações regionais.

Iamamoto (2007, p. 144 apud Costa; Rafael, 2021, p. 82), vai localizar a questão social no contexto de mundialização do capital e sublinhar que a “[...] velha questão social metamorfoseia-se, assumindo novas roupagens [...]” e Costa e Rafael (2021, p. 82) complementam dizendo que “cujo impacto avassalador se manifestará nas condições de vida das pessoas que possuem única e exclusivamente sua força de trabalho”. Isso exemplifica quem é afetado com a modernização e também em como a questão social que surgiu no início do sistema de produção capitalista foi se modificando mas não desapareceu, ela apenas tomou outras formas na sociedade contemporânea e ela afeta a classe trabalhadora, mas em especial afeta segmentos que já eram vulnerabilizados anteriormente, como “[...] indígenas, negros, trabalhadores urbanos e rurais, mulheres, entre outros segmentos” (Iamamoto, 2007, p. 146 apud Costa; Rafael, 2021, p. 82), a autora cita esses segmentos para reconhecer que há questões que se particularizam na América Latina, que aqui alguns segmentos populacionais, como os citados, apresentam trajetórias diferentes.

Os autores abordam que no Brasil o patriarcado, o racismo e o capitalismo operam junto, racismo esse que se origina nos processos de escravização de pessoas negra nas américas e o patriarcado anterior ao capitalismo, nas sociedades

primitivas cuja divisão social do trabalho era organizada também pelo sexo e com o surgimento da propriedade privada mulheres eram tratadas como posse. Hoje o sistema é imbricado ao patriarcado e ao racismo, visto que eles são mecanismo históricos de segregação e inferiorização dessa população e ele utiliza-se da raça/etnia e do sexo/gênero para organizar o trabalho e a força de trabalho na sociedade (Costa e Rafael, 2021).

Decifrar as novas mediações por meio das quais se expressa a questão social, hoje, é de fundamental importância para o Serviço Social em uma dupla perspectiva: para que se possa tanto apreender as várias expressões que assumem, na atualidade, as desigualdades sociais - sua produção e reprodução ampliada - quanto projetar e forjar formas de resistência e de defesa da vida. (Iamamoto, 2001, p. 28)

Iamamoto reforça neste trecho o porquê do serviço social enquanto profissão que atua diretamente com as expressões da questão social, deve decifrar as novas mediações que demonstram sua expressão e é isso que estamos propondo neste trabalho, apreender as expressões atuais e projetar e forjar formas de resistir e defender a classe trabalhadora das desigualdades que se apresentam, para isso é importante visualizarmos os dados de desigualdades na região para enxergar quem e em que setor da vida esse processo está afetando a população.

Bello (2025) nós trás no site do IBGE que segundo os parâmetros propostos pelo Banco Mundial, em 2024 a população em situação de pobreza no Brasil (com rendimento domiciliar per capita inferior a R\$ 694 por mês) era de 23,1% da população, 48.948 pessoas, já as em situação de extrema pobreza eram de 3,5% da população, 7.354 pessoas. Importante ressaltar que segundo uma pesquisa do DIEESE (2026) o valor médio para um brasileiro ter o mínimo, considerando moradia, contas, alimentação, transporte, saúde, lazer, enfatiza-se que são direitos básicos garantidos pela Constituição Federal de 1988, é de R\$ 8.110,92. Ou seja, esse valor que pessoas em situação de pobreza recebem, é de apenas 8,55% do valor que precisariam para ter o mínimo de dignidade.

Este estudo traz também que proporcionalmente a pobreza atinge mais às mulheres (24%) do que homens (22,2%) e as taxas de pobreza e extrema pobreza

chegaram a 4,5% e 30,4%, entre mulheres pretas e pardas, já para homens brancos os percentuais foram de 2,2% e 14,7%. (Bello, 2025).

Bello (2025), também traz que pessoas pretas e pardas, juntas, representam 56,8% do total da população e 71,3% dos pobres do país, e entre as pessoas pretas 25,8% eram pobres e as pardas 29,8%, enquanto a pobreza atingia 15,1% de pessoas brancas, e extremamente pobres 3,9% das pessoas pretas e 4,5% das pardas, em contrapartida 2,2% entre brancos.

O que falamos antes sobre os demarcadores sociais agravarem as desigualdades para uma parcela da população é refletido nesses dados, eles concretizam que de fato as pessoas mais atingidas pela pobreza são mulheres e pessoas negras, população cuja as relações sociais devida a formação sociohistórica do Brasil se deu de forma desigual. Costa e Rafael (2021) trazem também que esse processo de inferiorização da classe e raça se deu em razão do patriarcado e o racismo serem historicamente mecanismo de segregação da forma de trabalho, tendo uma base ideológica de inferiorização dessa população que recebe salários mais baixos e se inserem em atividades que requerem mais a força física.

Portanto, na formação sócio-histórica da sociedade brasileira racismo, patriarcado e capitalismo formam uma unidade dialética, visto que são determinantes indissociáveis na conformação da questão social no país, pois esses segmentos sociais empobrecidos e explorados são os que vão compor o exército industrial de reserva. Segundo Marx (1989, p.731 apud Trindade, 2017, p. 226)

[...] a acumulação capitalista sempre produz, e na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se, desse modo, excedente.

Trindade, (2017), complementa que essa sobra da classe trabalhadora que não consegue se inserir no mercado de trabalho ou acaba se inserindo apenas em trabalhos mais precarizados, mal remunerados ou informais, constituem o exército industrial de reserva. Como forma de acumulação é desigual, há muito mais classe trabalhadora que burguesia, sendo assim nem toda essa classe irá ser usada de

forma direta para a produção, mas ela é usada estrategicamente como população sobrando, para que o trabalhador se sujeite às más condições de trabalho pelo medo de ser substituído e acabar em uma situação econômica pior. Trindade (2017) acrescenta ainda que essa exclusão de alguns trabalhadores para o mercado é feita estrategicamente a partir de atributos e qualidades que sejam favoráveis ao capital, que não incluem mulheres e pessoas negras, tanto produtivamente quanto ideologicamente.

2.2 MERCADO DE DROGAS

Esse processo de exclusão social decorrente da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e a estrutura de trabalho no modo de produção capitalista vão implicar diretamente no ingresso no mercado de drogas, pois ela aparecerá como uma alternativa de trabalho para estes que não conseguem se inserir no mercado formal, ou nele são sucateados com trabalho exaustivo e salários baixos.

Outros dados importantes para pensar na questão social atual e o ingresso em trabalhos ilegais são os dados de crianças e adolescentes em situação de pobreza. Crianças e adolescentes (0 a 14 anos de idade), 39,7% eram pobres e 5,6% eram extremamente pobres (Bello, 2025) o que implica diretamente no grau de escolaridade que se apresenta nos dados estatísticos do Sistema Penitenciário o grau de escolaridade de pessoas aprisionadas é predominantemente ensino fundamental incompleto com 302.687 pessoas e 124.780 pessoas tem ensino médio incompleto (Brasil, 2026).

A educação não é recompensante financeiramente de imediato em um mundo onde se precisa de dinheiro para sobreviver todos os dias quando falamos que 39,7% das crianças e adolescentes são pobres enxergamos uma realidade onde muitos precisam desistir dos estudos para auxiliar financeiramente, ingressando no mundo do trabalho muito cedo e às vezes recorrendo a trabalhos ilegais. Outro fator que influencia diretamente é a questão de localidade e residência dessas crianças e adolescentes, pois há locais onde as políticas públicas de educação não chegam,

segundo Trindade, (2017) muitas crianças e adolescentes não têm acesso nem são incentivados à profissionalização.

Quem segura um fuzil quando o menor sonhava em ser jogador
 Mas, sem dinheiro, não decola
 Sem dinheiro são poucas escolhas
 O favelado na favela vive dentro de uma bolha
 O favelado na favela vive e sobrevive nela
 Eu sou o favelado que vive pela favela, porra!
 A escola me reprovou de série, mas a rua me aprovou pra ser representante dela. (ADL, 2018, 06:16)

Esse trecho da música fala sobre a realidade de quem vive na favela, a bolha que ela é envolta, onde não sobra dinheiro para ser o que quer, não há muita escolha, quando nem a educação acolhe o mercado de drogas acolhe.

Agora, em relação ao mercado de trabalho Bello, (2025) trás que em 2024 a pobreza foi maior entre os trabalhadores sem carteira assinada (20,4%) e por conta própria (16,0%) e os com carteira assinada foi de 6,7%, e as pessoas que ocupam cargos de agropecuária e serviços domésticos são a maioria proporcional dos trabalhadores pobres, sendo os de agropecuária (29,3%) e serviços domésticos (22,9%). É um dado curioso, pois no período escravocrata, as atividades que eram atribuídas às pessoas escravizadas eram predominantemente atividades domésticas à mulheres e atividades agrícolas/agropecuárias à ambos os sexos.

Ao analisar os Dados Estatísticos do Sistema Penitenciário, pois quando vamos falar de em junho de 2026 havia o total de 701.637 encarceradas no Brasil, de homens o total é de 669.864 no Brasil, de mulheres 31.773 (Brasil, 2025). O total de pessoas pretas e pardas autodeclaradas aprisionadas é de 454.265, pessoas brancas 199.049, 5.811 pessoas amarelas, 1.770 pessoas indígenas e 27.179 não identificadas, além de que 28.016 pessoas que foram presas não tinham documentação. Agora trazendo dados específicos do Rio Grande do Sul, são 38.519 pessoas, 36.577 homens e de 1.942 mulheres.

Ao analisar individualmente o segmentos da população de mulheres aprisionadas, o INFOPEN (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias) nos traz dados de que crimes relacionados ao tráfico de drogas correspondem a

62% das penas das mulheres privadas de liberdade em 2016, “o que significa dizer que 3 em cada 5 mulheres que se encontram no sistema prisional respondem por crimes ligados ao tráfico” (Brasil, 2019, p. 53). Esse dado é da última atualização do Infopen Mulheres, de 2018, mas esse dado permanece atual, como podemos trazer no Boletim técnico: perfil das mulheres privadas de liberdade do Rio Grande do Sul, o qual diz que das mulheres aprisionadas o tipo penal mais associado é o crime de tráfico de drogas, no RS com 1.264 enquadramentos dentro de um universo de 1.881 mulheres presas, excluindo as que estão em prisão provisória. (Rio Grande do Sul, 2025).

Dos crimes que as mulheres cometem, predomina exageradamente o tráfico de drogas, esse é um dado importante de analisar, principalmente junto com o dado anterior em relação à precarização do trabalho formal e o quão mulheres são afetadas por esse fenômeno também. Duarte, (2019) vai colocar em sua tese que o ingresso das mulheres no tráfico guarda relação direta com a possibilidade de continuarem exercendo os cuidados domésticos, e mantendo o papel social atribuído ao sexo/gênero, tanto que o dinheiro ganho é investido na família ou na compra de uma quantidade maior de drogas. Dentro do mercado das drogas a desigualdade de gênero é uma categoria fundante, não diferente do mercado lícito, onde coloca a mulher em cargos precarizados onde não apenas acaba em um trabalho precarizado mas também “destituída dos seus direitos” como também “tem sua humanidade reduzida à abjeção” (Duarte, 2019, p. 163).

Aprofundando nesses dados, no perfil das mulheres dentro do mercado de drogas vimos que. São elas “74% (31.342) mães; das quais 62% (26.260) solteiras; 45% (19.059) com apenas o ensino fundamental incompleto; 62,5% (26.472) negras; e 50% (21.177) jovens (18 a 29 anos) (Brasil, 2016 apud Duarte, 2019, p. 158), a partir desses dados conseguimos traçar um perfil dessas mulheres, majoritariamente mulheres negras, cujo aprisionamento reforça a questão de raça no sistema penal, mulheres sem vínculo matrimonial, cuja renda não é apenas para próprio subsídio mas também para seus dependentes pois são mães chefes de família e com isso o aprisionamento fortalece a quebra de vínculos familiares e deixa seu dependentes a merce de políticas públicas, são mulheres com baixo nível de escolaridade, a qual, pode se dar por inúmeros motivos como falta de oportunidade ou de incentivo e são mulheres jovens cujo o aprisionamento prejudica o futuro profissional, etc.

Duarte, (2019) nós traz algumas características da relação dessas mulheres com o mercado de drogas, o primeiro é que elas sabem pouco ou quase nada sobre a estrutura global do tráfico, elas possuem apenas um contato de fornecimento, estando assim no “chão de fábrica” deste mercado, pois estão na posição de venda direta ao usuário e mais suscetíveis à violência, a autora faz uma associação dessas mulheres com a figura da mula no processo de colonização para falar das relações de dependência. Em relação à motivação do ingresso neste mercado, a autora (Duarte, 2019, p. 163) diz respeito à “possibilidade de seguirem exercendo os cuidados domésticos, mantendo, assim, o papel social atribuído ao sexo/gênero, bem como a manutenção do cuidado em todos os seus aspectos”, tanto que o dinheiro que sobra para além do subsidio é investido na compra de mais mercadorias.

Isso evidencia a importância dos demarcadores classe, raça e gênero.

a desigualdade entre os sexos/gêneros é fundante, visto que são sentidas de forma antagônica entre ambos, ainda que ingressem por uma relação regida pelo modo de produção capitalista, cuja centralidade é acumular riqueza em detrimento da pobreza, recaí sobre as mulheres a penalização moral de sexo/gênero. Assim como no passado, a mulher no tempo presente, em situação de maior precariedade e atuando em atividade laboral ilícita, não somente é destituída dos direitos que lhe são previstos, mas também tem sua humanidade reduzida à abjeção. (Duarte, 2019, p. 163)

A desigualdade de raça e gênero são anteriores ao capitalismo, e dentro dele elas se fortalecem juntamente com a desigualdade de classe, então, uma mulher quando se insere no mercado de trabalho terá uma precarização ainda maior na sua atividade, (Yasbek; Iamamoto, 2019, p. 34 apud Ferrugem, 2022, p. 59) dizem que “às desigualdades de gênero, sexualidades e territórios (com a ocupação territorial profundamente marcada pela racialização), as relações raciais não matizam as desigualdades de classe mas são solos das desigualdades de classe”.

2.3 MEDIAÇÃO E MERCADO DE DROGAS COMO EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL

A mediação é uma categoria do método, que se relaciona diretamente com as demais categorias como a totalidade, contradição e a historicidade. Lukacs (apud PONTES, s/d, p.8) vai dizer que a totalidade é um complexo constituído de complexos subordinados”. Sendo assim, ela não é uma mera soma das partes, “porque cada parte deste complexo constitui-se num outro complexo que se articula aos demais por meio de múltiplas mediações” Pontes (s/d,p.8). A totalidade é então movimento que se dá através de múltiplas mediações. E a forma de apreensão do modo de ser destes complexos totais se dá através de sucessivas aproximações do abstrato ao concreto Pontes (s/d, p.8). Segundo Marx (1982, p. 14) apud Pontes (s/d) “o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações (...) por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida”. Essa citação fala que o que aparece no pensamento é o resultado dessas sucessivas aproximações com o abstrato, não é inerte e nem a largada.

Conforme Pontes (1995), a mediação possui um aspecto objetivo e outro intelectual. A dimensão objetiva informa que ela está na realidade, independentemente da apreensão do sujeito e a reflexiva informa que o sujeito pode apreender as cadeias de mediações que articulam os processos universais decorrentes da questão social com suas expressões aparentemente singulares em um movimento de sucessivas aproximações com o real. A mediação é então responsável “pelas moventes relações que se operam no interior de cada complexo relativamente total e das articulações dinâmicas e contraditórias entre estas várias estruturas sócio-históricas” Pontes (s/d, p. 9) a partir dessa categoria pode-se trabalhar na perspectiva de totalidade. É imprescindível para a categoria profissional utilizar-se da dialética para compreender as demandas a partir das mediações.

Se tratando da inserção de trabalhadores superexplorados que se inserem no mercado de drogas como uma forma de superar, em parte, a alienação que vivenciam do produto social do trabalho pode-se constatar que existem mediações que articulam a pobreza com a inserção nessa atividade que na formação social capitalista é ilegal e marginalizada. Os determinantes sociais dessas expressões da questão social se encontram, nos termos de Netto (2001), na origem da produção da riqueza ancorada na exploração do trabalho que é marcada pelo antagonismo

entre trabalhadores e burgueses, pois a riqueza socialmente produzida, aumenta para uma classe na proporção em que a pobreza aumenta para a outra classe, constituindo a contradição de classes do modo de produção. Portanto, as expressões da questão social supracitadas são produzidas pela forma universal de produção material na sociabilidade capitalista. No entanto, as mediações que articulam a exploração do trabalho com essas expressões da questão social se ocultam na vida cotidiana, pois elas aparecem em sua singularidade despida das mediações que as articulam com a exploração do trabalho.

A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal - pois o que é vida senão atividade - como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (Selbstentfremdung), tal qual acima o estranhamento da coisa. (Marx, 2004, p. 84)

Pode-se inferir que a inserção no mercado de drogas está mediada com a pobreza que por sua vez é mediada pela inserção no mundo do trabalho na condição de trabalhadores superexplorados que é decorrente da exploração do trabalho nos países de capitalismo dependente.

3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Constatou-se inúmeras expressões da questão social na realidade concreta vivenciada pelos personagens principais da obra analisada. Estas refrações da questão social se expressavam tanto nos territórios nos quais os sujeitos viviam, como em suas relações de trabalho, relações familiares e na sua própria consciência individual, para responder o problema geral do trabalho que é “Como são retratadas as mediações da questão social com o mercado de drogas no livro “Os supridores” de José Falero?” Para buscar responder essa questão traremos aqui citações contextualizadas do livro para expor idéias gerais.

3.1 LIVRO “OS SUPRIDORES”

O material empírico utilizado para compreender as mediações entre o mercado de drogas e a questão social foi o livro “Os Supridores” de José Falero. Coelho; Sparemberger, (2021) citam que o autor é porto-alegrense, nascido e criado na Lomba do Pinheiro, bairro periférico da capital gaúcha, ele vivenciou por muitos anos espaços de trabalho designados para pessoas de origem periférica, como servente de pedreiro, auxiliar de cozinha e até mesmo supridor de supermercado.

A obra de Falero pode ser denominada como literatura periférica ou marginal, que seriam obras que nasceram de autores que já viveram a realidade das periferias, retratando temas como “o cotidiano das favelas, a violência, a falta de recursos, o descaso e abuso das autoridades, entre outros” (Barros, 2026, s/p). Essa literatura que emerge de um lugar que não é tradicional de escrita, e por isso é extremamente necessária, Coelho e Sparemberger, (2021) dizem que essa literatura é barrada pelo poder da hegemonia social e cultura cuja literatura já tem um padrão. Com isso, a literatura marginal é além do aspecto artístico, uma ferramenta de resistência político-pedagógica, denunciando as desigualdades, negligências e opressões das regiões marginalizadas.

Essa literatura conta, também, com uma linguagem mais informal/coloquial e a utilização de gírias (Barros, 2026), no decorrer do livro o autor utiliza gírias a fim de deselitizar e tornar a obra uma forma de pertencimento para a população que vivência aquele território.

A história narrada no livro se passa em Porto Alegre no Rio Grande do Sul e aborda a realidade de dois personagens principais que são supridores de um supermercado da região central da capital, Pedro e Marques, jovens trabalhadores de baixa renda, que estão inseridos dentro de bairros afastados do centro e “das garras do governo” como dizem no livro. Esse processo é interpretado como a falta de políticas públicas na região (saúde, educação, segurança) e marcados pela violência. O livro trata sobre o cotidiano da vida desses jovens, de uma vida que acaba girando em torno de trabalhar e mesmo assim os personagens não conseguem ter dinheiro para adquirir nada além do mínimo para sobrevivência “Só o que eu faço é suar e suar para me manter respirando, e mais nada” (Falero, 2020, p.

24 apud Coelho; Sparemberger, 2021). Realidade esta que é a da maior parte da população brasileira.

Pedro tem uma afinidade com a leitura e no livro irá aparecer suas aproximações com leituras marxistas/marxianas, e como ele mesmo diz a qual mais o influenciou e o fez pensar criticamente.

- É, parece que tu tá certo, como sempre. Mas vem cá: se eu sou teu discípulo, tu é discípulo de quem? Quem é o teu mestre? Fala aí.
- Bah, mano. Eu bebo num monte de fonte. Eu tenho uma pá de mestre. [...] Sei lá, eu acho que o cara que mais influenciou o meu pensamento foi um filósofo alemão. O nome dele era Marx [...].
- O nome do cara era Marques, que nem o meu?
- Não. Era Marx, com xis (Falero, 2020, p. 58-59)

A partir dessas aproximações o personagem consegue enxergar as desigualdades de classe e a exploração da mão de obra no próprio cotidiano, o que o revolta e o faz se questionar diariamente, posteriormente fazendo-o indagar Marques sobre as mesmas questões. Com a revolta de enxergar esse processo e cansados da exploração no trabalho e das desigualdades que permeiam o seu cotidiano, na perspectiva de melhora de vida Pedro e Marques resolvem iniciar a venda de maconha em sua região e o livro irá se desenrolar em todo o processo de planejamento, ação e resultado dessa venda de maconha.

A obra retrata as relações de trabalho e como elas são refletidas na vida dos personagens que fazem parte de uma população marginalizada e como o mercado ilegal de psicoaticos vai entrar na vida dessas pessoas, mostrando como esse fenomeno é carregado de estigmas e preconceitos construídos por uma ideologia dominante racista e classista, Coelho; Sparemberger, (2021) trazem que a obra nos faz enxergar aspectos da sociedade que muitas vezes passam despercebidos, colocando-os a tona no livro.

Esta obra foi escolhida para análise em razão de enxergarmos a arte e a literatura como expressões do cotidiano da vida da classe trabalhadora, principalmente por ser uma literatura periférica, que por mais que seja uma ficção, o autor vivenciou a realidade do território retratado no livro e o trabalho como supridor, com isso consegue problematizar e trazer provocações reais dessa realidade.

3.2 EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL

Este capítulo tem como objetivo analisar as expressões da questão social no livro “Os Supridores” de José Falero a fim de compreendê-las como condicionantes para o ingresso e permanência no mercado de drogas, direcionando a análise nas expressões da questão social que aparecem materialmente e na subjetividade dos personagens do livro, e em como as expressões da questão social produzidas socialmente se manifestam na vida privada dos personagens.

3.2.1 Materialmente e na consciência

O cotidiano da vida de um dos personagens principais do livro, Pedro, retrata algumas situações na qual o mesmo passava todos os dias enquanto uma pessoa pobre, situações que acumuladas causavam descontentamento em Pedro, pois ele não se achava merecedor daquilo.

Mas Pedro já estava familiarizado com imperfeições, como todo pobre que se preza, ainda que não se considerasse merecedor delas, como todo pobre que se despreza. Às vezes, avaliando tudo quanto lhe girava em torno, apanhava-se espantado com a quantidade de coisas que, de uma forma ou de outra, causavam lhe descontentamento: os ônibus lotados, as roupas surradas, os cigarros vagabundos, a insuficiência de cobertas no inverno, a falta de um ventilador no verão, o cheiro horrível de esgoto no quintal, a casa repleta de ratos, baratas, aranhas, cupins, pulgas, carrapatos e lagartixas. “nada é perfeito”, diz o ditado, acontece que na vida de Pedro nada sequer era minimamente razoável (Falero, 2020, p.20)

Constata-se que Pedro vivencia muitas situações decorrentes da desigualdade social e da pobreza em sua vida cotidiana, pois ele, como trabalhador, recebe em troca do seu trabalho um salário que não garante o mínimo necessário para custear mercadorias básicas para sobrevivência como uma fechadura para trancar a porta tranquilamente, ou cobertas para suportar o frio no inverno. Trazendo os dados do valor médio para um brasileiro ter o mínimo é de R\$ 8.110,92, e as pessoas em situação de pobreza recebem até meio salário mínimo, R\$ 810,50, sendo assim, esse valor, que não é nem 10% do valor necessário para acessar os

direitos básicos, o que demonstra a superexploração do trabalho que se caracteriza por “[...] uma situação na qual os salários pagos aos trabalhadores são inferiores ao valor da força de trabalho, impedindo que essa classe se reproduza em suas condições normais” (Marini, 1972, p. 42 apud Franklin, 2019, p. 1).

A contextualização desta citação é que foi no momento em que Pedro iria sair para trabalhar e quando foi fechar a porta viu que a maçaneta estava quebrada, entretanto, este simples acontecimento fez com que ele, sujeito já embrutecido com o cotidiano retratado na citação, ficasse triste e ao mesmo tempo revoltado com a situação imposta pela pobreza. “Sentiu vontade de chorar, literalmente. Por que sua vida tinha que ser tão miserável?” (Falero, 2020, p. 22). Foram estas situações em que as expressões da questão social de desigualdade que se expressam materialmente de imediato com a maçaneta quebrada e cotidianamente com as diversas situações de “imperfeição” se expressaram na consciência o deixando triste e com vontade de chorar por levar a vida que levava. Pedro irá colocar que já estava acostumado com aquela vida pois era a sua realidade desde pequeno, ele irá citar em outra parte do livro que:

Seus bisavós tinham sido pobres a vida inteira, seus avós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso? Se era verdade que a riqueza, ou pelo menos uma vida digna, podia ser alcançada com muito trabalho e dedicação, então o que estava acontecendo? (Falero, 2020, p.23)

Nessa citação, Pedro, reflete sobre o fato da pobreza fazer parte da vida de sua família há muitas gerações e também sobre a contradição de seus antepassados terem trabalhado muito e permanecerem pobres e a ideologia que informa que a riqueza é fruto do próprio trabalho ou dos seus antepassados. Esse processo reflexivo irá demonstrar-se como uma consciência sobre a sua condição de classe trabalhadora superexplorada e que isso não poderia ser uma culpa individual por trabalhar pouco. Ele se questionava:

[...] tinha dado o azar de nascer numa família de grande tradição na vadiagem? Era essa a explicação para a pobreza em que vinha

derramando-se seu sangue através dos tempos? Gerações e gerações de preguiçosos que mereceram as condições humilhantes em que nasceram e viveram? Não, claro que não. Todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando, e se sempre foram pobres, era porque devia haver alguma coisa errada... O erro deles talvez fosse respeitar demais a lei...(Falero, 2020, p.24)

Por mais que Pedro fosse um trabalhador embrutecido, ele sabia que não era culpa sua ou de sua família serem pobres, ele sabia que havia algo de errado, só não conseguia formular o que exatamente era que estava errado, ele questionava-se em relação a estrutura social, colocando que talvez o erro deles tivesse sido respeitar demais a lei. Em um diálogo entre Pedro e Marques fica demonstrado que ele tem contato com a leitura de Marx:

[...] eu acho que o cara que mais influenciou o meu pensamento foi um filósofo alemão. O nome dele era Marx [...].

– O nome do cara era Marques, que nem o meu?

– Não. Era Marx, com xis (Falero, 2020, P. 58-59 apud Coelho; Sparemburger, 2021, p. 4).

O fato dele ler Marx contribui para superar níveis de alienação em relação aos mecanismos de funcionamento do modo de produção capitalista, no entanto, essa consciência não dá condições de superar a alienação no plano material que o mantém separado dos meios de produção e da riqueza socialmente produzida pelo trabalho. E também, não fez ele superar o embrutecimento visto que não há como superá-lo sem se apropriar do produto do trabalho. Sendo assim, não adianta ele adquirir um nível de consciência classe se ele no plano material continua sem fechadura, sem cobertura, sem tempo para o lazer, política, arte. Ou seja, continuava vivendo com:

[...] os ônibus lotados, as roupas surradas, os cigarros vagabundos, a insuficiência de cobertas no inverno, a falta de um ventilador no verão, o cheiro horrível de esgoto no quintal, a casa repleta de ratos, baratas, aranhas, cupins, pulgas, carrapatos e lagartixas (Falero, 2020, p.20).

A mudança qualitativa em seu pensamento expressa a negação da ideologia que informa que a riqueza é fruto do trabalho de quem a possui. Esse movimento, decorre da reflexão sobre a pobreza vivida concretamente por Pedro e sua família mediada com aproximações teóricas de Pedro com a teoria marxiana, possibilitando um salto qualitativo por meio da consciência de classe do personagem. A ampliação da consciência de Pedro pôde proporcionar a ele uma leitura crítica da realidade e isso pode fazer ele abandonar a culpa individual pela pobreza, à medida que essa mudança contribui para a superação da reprodução da ideologia dominante em seu pensamento. Apesar dessa mudança proporcionar uma humanização parcial, ela não garante a plena humanização que requer a superação da alienação em relação à riqueza socialmente produzida pelo trabalho. No entanto, o acesso universal à riqueza socialmente produzida requer organização coletiva da classe trabalhadora e sua realidade objetiva não oportuniza essas vivências.

Entretanto, entender isso fez que o personagem produzisse uma rebeldia individual, que fazia o mesmo criar estratégias de sobrevivência e a estratégia dele era ficar rico, “Tudo bem: o ciclo de pobreza terminaria nele: ele se tornaria rico. Como? Isso não importava” (Falero, 2020, p.24). Seu sentimento expressado na consciência era que ficar rico resolveria seus problemas, e de fato, dentro da sociedade de classes, o dinheiro é o que nós permite existir, sem ele não há vida, ele compra a comida, a saúde, habitação, a educação, o lazer, a existência.

Esse processo de embrutecimento fazia-o pensar que era melhor morrer do que ter uma vida como aquela “Merda de vida! É melhor morrer do que ter uma vida que nem a minha. Eu, na real, nem posso dizer que eu vivo; eu sobrevivo. Só o que eu faço é suar e suar pra me manter respirando, e nada mais.” (Falero, 2020, p.24). A vida da classe trabalhadora dentro do nosso sistema de produção se resume a trabalho, não há tempo e muito menos dinheiro para viver.

A lei geral da acumulação capitalista explica esse processo que Pedro e sua família vivem:

[...] quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de

espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (Marx, 2004, p. 82)

Esse trecho vai falar sobre a relação que o trabalhador tem com o trabalho dentro do modo de produção capitalista e a alienação que esse trabalho produz nele, que quanto mais ele produz, menos ele consome. Ele cria mas não consegue usufruir da sua própria criação, se desgasta trabalhando, torna poderoso o mundo objetivo alheio e mais pobre se torna ele mesmo e seu mundo interior, é o trabalhador quem produz a riqueza, mas essa riqueza o empobrece cada vez mais. E esse processo não é só materialmente mas na consciência também, pois esse trabalhador se torna pobre de espírito, repleto de tristeza, embrutecido.

Em um outro momento do livro, Pedro está dialogando com Marques e vai colocar que “Pra um pobre virar um burguês filhoda puta, não precisa de muita coisa. Basta uma boa oportunidade (...) o que eles mais quer Marques, é fazer com os outros tudo aquilo que sempre foi feito com eles” (Falero, 2020, p. 60). Essa citação fala do trabalhador que quando consegue uma quantia de dinheiro não vai mais se reconhecer como classe trabalhadora, ele vai se enxergar como um burguês e com isso vai defender e fortalecer a classe dominante. Paulo Freire (1987) vai chamar esse sujeito de “hospedeiro” do opressor, Freire vai discorrer sobre a educação e a importância dela ser libertadora com a famosa frase “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, essa frase pode ser associada também à ideia de sucesso que tem-se dentro da sociedade neoliberal do individualismo, que diz que sucesso é possuir bens materiais e muito dinheiro, importante ressaltar que quando citamos isso entendemos que de fato dentro da sociedade capitalista materialista precisamos de dinheiro e bens para sobreviver, tudo é pago, a saúde, a alimentação, todos os meios de subsistência, mas a discussão é que essa ideia de sucesso perpassa pela ideologia de que vencer é ocupar o lugar do opressor e não destruir esses papéis de classe.

Mas essa perspectiva só pode se dar com uma organização coletiva, apoio e acolhimento coletivo, Pedro irá falar que “Eu já fui infantil a ponto de achar que o mundo pode ser transformado; não vou negar [...] Quando eu olho em volta vejo que tudo é injustiça, e que ninguém tá nem aí pra justiça de verdade” (Falero, 2020, p. 60).

Com isso, a apreensão da realidade do personagem é fatalista mas ao mesmo tempo realista (Chauí, 2000, p. 23) vai dizer que o fatalismo é ver a realidade como: “tudo é necessário, temos que nos conformar e nos resignar”. Essa frase vem do contexto em que a autora vai distinguir acontecimentos naturais e humanos de acontecimentos que podem ser contingentes ou acidentais, e que esses acontecimento contingentes e acidentais podem sim ser mudados, não são a regra, um exemplo disso é como Pedro enxerga a sociedade, como um mundo que não pode ser transformado, entretanto, Pedro também é realista porque a realidade objetiva do personagem mostra a sua volta a injustiça.

A realidade objetiva de Pedro não possibilita transformação, mas sim buscar dinheiro para se adaptar a ela, Carcanholo (2017) vai discorrer sobre o fetiche da mercadoria e dizer que no capitalismo tu é o que tu tem, o trabalhador é aquilo que ele recebe pelo trabalho que vende, então as relações sociais são mediadas pelo fetiche da mercadoria, o ser humano é aquilo que pode pagar, ele não é mais um ser humano com as suas características pessoais, ele é mascarado pelo dinheiro. E os personagens do livro enquanto sujeitos pobres que recebem muito pouco pelo trabalho, e são vistos pelo que tem, são vistos também como muito pouco pela sociedade. O próprio personagem tinha consciência deste processo: “O lugar de uma pessoa na sociedade, pensava Pedro, correspondia diretamente à quantidade de dinheiro que essa pessoa possuía” (Falero, 2020, p. 25). Ele tinha noção de que lugar que ocupava era em consequência do dinheiro que possuía.

Em outra citação, Pedro vai buscar alternativas para sobrevivência pois não aguentava mais a vida que levava.

“Eu sou pobre, já fui pobre a vida toda, não tem um dia em que eu me sinta conformado com isso. Não tem um só dia da minha vida que eu não passe horas e horas pensando num jeito de ganhar um tonel de dinheiro, e eu vou ganhar um tonel de dinheiro uma hora dessa, e não me importa o que eu tenha que fazer pra ganhar. Se eu tiver que roubar, eu vou roubar; se eu tiver que matar, eu vou matar. Eu não quero mais saber de ética, de moral, de lei, de certo ou errado. Foda-se tudo! Eu quero é ficar rico. Eu quero é dinheiro, dinheiro afu! E outra: eu quero logo. É só isso que eu quero. É só nisso que eu penso. Então, escreve o que eu tô te dizendo, Marques, anota aí: eu ainda não sei como vai ser, mas um dia, mano, um dia eu vou parar de comprar papel higiênico, porque eu vou usar nota de cem pra limpar o cu.” p. 62

A forma de sobrevivência que ele achou é ficar rico, seja fazendo o que tiver que fazer, pois se ele é o que ele tem e ele não tem nada, ele também é um nada. O personagem compreende que a mudança é ele que não tem dinheiro, ter dinheiro, não concebe a mudança na estrutura social do modo de produção e isso tem total relação com a sua realidade objetiva. Pedro é um morador da periferia, local marginalizado “[..] afastada do centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte (...) assustadora fama de terra sem lei” (Falero, 2020, p. 18). Sendo assim, o que enxergava no seu cotidiano não eram políticas públicas ativas e funcionais, não vivia em um contexto no qual existem organizações coletivas de trabalhadores lutando por melhores condições de vida. Sua realidade concreta de sucesso não eram de pessoas que passavam a vida toda trabalhando e sim a ostentação e inclusive a segurança dos moradores na periferia é de quem faz dinheiro com o mercado de drogas.

Em um momento do livro, Pedro chega do trabalho e se depara com a mãe arrumando a fechadura que havia quebrado e que eles não tinham dinheiro para arrumar “a humildade dela era tal que muitas vezes acaba por deprimi-lo” (Falero, 2020, p. 124).

-A gente trabalha tanto! Todo santo dia, a gente trabalha. Aí, quando estraga a fechadura, uma simples fechadura, a gente não tem dinheiro pra comprar outra [...]
 - O que há de errado meu filho?
 -[...] tu não te sente humilhada?
 -Não
 -[...] a gente trabalha só pra não morrer de fome! Isso não te chateia?
 -Um dia tudo melhora, Pedro. Se Deus quiser.
 Ele ouvia aquela frase desde que se conhecia por gente, e nunca nada melhorava. (Falero, 2020, p. 124-125)

A alienação faz com que o trabalhador se apague a ideologia, porque a ideologia é uma falso entendimento que é posto na consciência do trabalhador que não compreendeu o processo, e a classe que domina a ideologia é a classe que domina a produção material (Marx, 1998). Marx vai falar da ideologia enquanto:

[...] consciência falsa, equivocada, da realidade. Porém consciência necessária aos homens em sua convivência e em sua atividade social. Consciência falsa que não resulta de manipulação calculista, de propagandismo deliberado, mas da necessidade de pensar a realidade sob o enfoque de determinada classe social, no quadro das condições de sua posição e funções, das suas relações com as demais classes etc. (Marx, 1998, p. 22)

Que ela é uma consciência falsa, imposta, mas necessária para se manter a ordem e a luta de classes, pois para que o trabalhador se mantenha na atividade laboral é necessário mais que condições objetivas mas também influências ideológicas na consciência. Marx (1998) ainda irá trazer que a ideologia pertence ao âmbito da superestrutura. Gramsci (2001) foi um pensador que deu continuidade às teorias de Marx e ele irá discorrer que a superestrutura é composta pela sociedade civil e a sociedade política ou Estado e que ambas correspondem a função de “hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de domínio direto ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico” (Gramsci, 2001, p. 21). Por isso, enquanto as classes dominantes dominam a sociedade política, também dominam a ideologia, em relação a sociedade civil, um exemplo da influência da mesma na consciência da sociedade é a própria igreja, como na citação anterior, colocando como se tudo que acontece é em razão de um querer divino, abstrato, tirando o foco da produção material. Ela estava alienada do processo e por isso buscou crer no que era posto pela ideologia dominante de que o que acontecia era individual, culpa individual e só o que a fortalecia era a fé de que algum dia iria melhorar “se Deus quisesse”.

Gramsci (2001), irá colocar também a importância de compreender a sociedade civil como parte da superestrutura, pois, a revolução material e estrutural teria que passar pela superestrutura, a revolução deve ser ideológica também, por isso a necessidade da classe trabalhadora se unir e adentrar-la.

Ainda discorrendo sobre a ideologia na obra de (Falero, 2020, p. 32) há um trecho que diz “A Vila Lupicínio Rodrigues era o indesejado quintal dum importante centro cultural de mesmo nome [...] a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física”, o acesso à cultura é uma forma acessar a consciência de classe pois o sujeito acessa a sua humanidade, consegue tirar a máscara do fetiche por algum momento, por algum momento ela é apenas uma pessoa acessando seus

sentimentos, seu lado humano. E essa superação de níveis de alienação pode levar a uma consciência crítica como foi o que aconteceu com Pedro e isso não é favorável à classe dominante, à ela é favorável que permaneça alienado e pensando que tudo vai mudar “se Deus quiser”, pois assim continuarão trabalhando sem questionar a luta de classes, por isso quando o autor escreve que a distância entre a cultura e as pessoas pobres não é física, ele quer dizer que a ideologia não inclui essas pessoas, elitizando os espaços culturais e moldando materialmente as condições fazendo com que os trabalhadores não tenham tempo de acessarem esses espaços.

Os personagens então, ingressam no mercado de drogas, mas é importante ressaltar que eles nunca se orgulharam dessa escolha, nunca foi pela ideia de trabalho mais fácil ou pela ostentação, mas sim por compreender a sua realidade através da desumanização que lhes preenchia em razão do trabalho estranhado, realidade de trabalhar, trabalhar e nunca conseguir usufruir de nada, de que a morte era melhor que uma vida cheia de vontades que nunca serão sanadas.

Quem é que vai querer correr o risco de ser preso e passar um tempão lá dentro do presídio?

Isso sem falar que o que mais tem é porco ruim: te espanca até não querer mais, antes de te levar preso. Ou até te mata, se não tiver ninguém olhando. Mas te mata assim, na crocodilagem mesmo: te pega de bobeira, dormindo em casa, te manda pro inferno e depois diz que tu reagiu à prisão: é a palavra dum homem da lei contra palavra nenhuma, porque tu tá morto e ninguém viu o que aconteceu. Aí eu te pergunto: quem é que quer uma vida dessa? Quem é que quer desafiar o perigo desse jeito?

Não, mano, eu nunca quis ser um traficante. Mas eu também não queria o que tavam me enfiando goela abaixo: a vida fodida que eu tinha. Eu queria era dinheiro, tu sabe. Eu queria era viver como a gente tá vivendo hoje. O problema, sangue bom, é que esse padrão de vida que a gente tem hoje, hum!, esse padrão de vida não é pra gente que nem a gente. A gente quebrou as regra da brincadeira

“Trampando nesses tramo fodido que tão aí pra a gente, a gente nunca ia ter a vida que a gente tem agora, mano” (Falero, 2020, p. 178)

Nessa citação Pedro vai falar que ele nunca quis ser traficante, questionando quem escolheria por motivação individual ingressar no mercado das drogas visto que é um trabalho sujeito à privação de liberdade e a diversas violência, ele só ingressou porque não aguentava a vida precária a qual tinham antes dentro do

trabalho legal. Ainda coloca que o padrão de vida que eles estavam vivendo naquele momento não foi construído para ser deles e que no trabalho superexplorado do qual faziam parte antes jamais teriam conseguido acessar as coisas que eles estão acessando hoje.

Entende-se aqui que o fato dele se sentir mais humano no trabalho com o tráfico tem relação com ele ter superado a alienação do produto social, ou seja, ele começou a conseguir acessar produtos, espaços, privilégios que antes não conseguiu, superou também a alienação em parte do planejamento, pois agora eles mesmos colocavam um preço em seu produto, escolhiam onde e quando iam vender. Entretanto, mesmo que ele tenha superado a alienação em uma parte do planejamento, ele continua alienado ao processo de trabalho do mercado de drogas que é muito maior do que as operações realizadas conscientemente por eles, eles continuam sendo explorados nessa relação pois no valor que comprar a mercadoria para revender já está acrescido a mais-valia, discorreremos mais sobre como aparece a estrutura do mercado de drogas no livro no capítulo 4.3.

Compreendemos então que as expressões da questão social que aparecem no livro, se expressam tanto materialmente em situações de precariedade cotidiana, de trabalho superexplorado não possibilitando tempo para reflexão crítica, e se expressam na consciência através do sentimento de sofrimento que essas situações geram nos personagens e também pela ideologia dominante que impõe uma ordem social e papéis sociais, justificando situações de injustiça como imutáveis e que temos que nos conformar e continuar seguindo esses modelos.

As expressões da questão social que são produzidas materialmente e na consciência são produzidas socialmente e elas vão se manifestar na vida cotidiana, buscou-se analisar no livro como elas se manifestam na vida privada dos personagens do livro influenciando a sua relação em sua casa e com os mais próximos.

3.2.2 Produzidas socialmente e manifestadas na vida privada

As expressões da questão social são produzidas a partir da exploração do trabalho e acumulação de riqueza, ou seja, inerentes ao modo de produção capitalista, esse processo vai produzir desigualdades sociais e rebeldia que vão se

expressar socialmente no cotidiano da classe trabalhadora e isso vai afetar diretamente as relações sociais destes sujeitos o que vai se manifestar na vida privada com quem os mesmos convivem diariamente.

Este processo é expressado no livro em alguns momentos, um deles quando irão se referir ao território em que vivem, a Lomba do Pinheiro

afastada do centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa; e essa fama, infelizmente, não estava tão longe da realidade (Falero, 2020, p.18)

É um local periférico, onde se encontram pessoas em situação de pobreza e o lumpen proletariado, conceito que (MARX, 2000, p. 97) vai atribuir à “escória e o refugio de todas as classes sociais”, listando vadios, soldados expulsos, criminosos libertos, trapaceiros, batedores de carteira, entre outros.

Esses espaços são estratégicos ao modo de produção capitalista, usou-se Milton Santos (2013) apud Duarte (2019) para acrescentar que o crescimento do capitalismo juntamente com a explosão demográfica resultaram em uma explosão urbana, com isso uma concentração de riqueza e de pobreza nas cidades, onde resultou em grande parte da população desempregada que fez morada em locais nos quais podia pagar.

O autor do livro coloca que esse lugar seria uma terra sem lei e que “Os porco tão cagando e andando pra o que acontece neste fim de mundo” (Falero, 2020, p.26), ou seja, a política pública de segurança é diferente em bairros nobres e bairros periféricos, nas periferias elas atuam enquanto repressão policial e não para proteger a população que vive ali. Para elucidar esse ponto trouxemos dados de 2016 à 2025 do Boletim de Direito à Segurança Pública na Maré (2026) na qual inclui um conjunto de 15 Favelas que formam o bairro Maré no Rio de Janeiro, tiveram 231 operações policiais, 160 mortes decorrentes dessas operações, 1.538 ocorrências de violências e violações de direitos “incluindo feridos, ameaças, tortura e cárcere privado” (Redes Da Maré, 2026, p.2). A polícia, que é órgão de segurança

do governo, atua de forma repressiva nas periferias, como a população que vive lá pode se sentir segura com um órgão que ao invés de protegê-las, as mata.

Mano, os cana peida de subir de madrugada
Sempre marca operação com a porta da creche lotada
Mais uma mãe revoltada, uma pergunta sem resposta
Como o policial não viu seu uniforme da escola?
Vinicius é atingido com a mochila nas costas
Como é que eu vou gritar que a Favela Vive agora? (ADL, 2018, 00:50)

Utilizou-se na monografia do rap para demonstrar esse processo, pois a arte é uma forma de expressar o cotidiano de uma população marginalizada e a arte se mostra no livro e nas músicas.

Outra mediação da questão social que apareceu no livro foi a pobreza mediada com a violência de gênero, no trecho Marques descobre que sua companheira, Angélica, estava grávida, “[...] ele também ficará muito abalado com a descoberta daquela gravidez acidental. Muito abalado” (Falero, 2020, p. 28). Após pensar nas condições precárias que já viviam com um filho e que se agravariam com outro, ele a agride. “Queria pedir desculpas pela sonora bofetada que acabara lhe dado” (Falero, 2020, p. 29). Entretanto o livro mostra que o sentimento de Marques após a agressão foi de arrependimento, ele queria se desculpar, queria falar que a amava e estaria com ela “superando [...] aquela nova dificuldade” (FALERO, 2020, p. 29), mas não conseguia falar. O autor utiliza da gravidez da sua esposa como uma dificuldade, porque uma gravidez, uma nova pessoa na família, necessita de dinheiro, o que eles não possuíam, então acabava se transformando em uma dificuldade.

Se fosse rico, estaria infinitamente mais feliz, sem sombra de dúvidas. Talvez nem mesmo tivesse discutido com Angélica. “Tu tá grávida, amor? Porra, que baita notícia! Vamos comemorar, cacete!” E de noite, iriam, ele e ela jantar em algum restaurante fino onde pudesse degustar não só a comida, mas também a sensação de fazer algo único, sem nada com que se preocupar (Falero, 2020, p.36)

Não era o fato dela estar grávida que o entristecia, se eles tivessem dinheiro iriam comemorar a grande notícia, sem preocupações, mas a realidade não era essa. Marques não conseguia pedir desculpa à Angélica pelo seu comportamento agressivo, seu sentimento era “agulhão de autodesprezo [...] espicaçando-o a cada palavra de amor não dita, a cada gesto de amor não feito” (Falero, 2020, p. 29), ele não conseguia expressar o que sentia por ela e isso tem influência do sistema patriarcal, sistema que juntamente com o racismo sustenta a desigualdade de classe no modo de produção capitalista.

Federici (2004, p. 120) irá trazer o conceito de “patriarcado do salário”, que foi uma nova ordem patriarcal introduzida pela classe capitalista a fim de “disciplinar, reproduzir e expandir o proletariado, iniciando com o ataque lançado contra as mulheres”. Nesse sentido, utilizando-se do patriarcado para aumentar o exército industrial capitalista, o proletariado e o lucro, colocando a família como instituição política em que o marido era o representante do Estado e encarregado de disciplinar e supervisionar as “classes subordinadas” que “para os teóricos políticos dos séculos XVI e XVII (por exemplo, Jean Bodin), incluía a esposa e seus filhos” (Schochet, 1975 apud Federici, 2004, p. 176). Um processo de apropriação da esposa e de seus filhos enquanto propriedade para si, pois neste modo de produção, possuir propriedade é luxo. O trabalho da mulher era com o cuidado da casa, filhos e o auxílio ao trabalho do marido, elas não recebiam salário, “a exclusão das mulheres do recebimento de salário dava aos trabalhadores um poder [...] sobre suas mulheres.” (Federici, 2004, p. 176) e esse poder fazia as mesmas dependentes dos maridos para existir na sociedade capitalista na qual você é o seu salário.

A personagem Angélica, no livro, irá refletir que “Conhecia seu marido o suficientemente bem para adivinhar toda boa vontade que de fato havia dentro dele. Porém subestimava a força de seu orgulho, a força de seu machismo, a força de sua ignorância” (Falero, 2020, p. 29). Ela sentia bondade nele mas também sabia que ele era ultrapassado pela ideologia patriarcal, Safiotti (2015), vai falar sobre o patriarcado afetar negativamente os homens, pois da mesma forma que impõe um comportamento e forma de existir às mulheres, impõe também aos homens, ela diz que “As mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder” e os homens “ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem” (Safiotti, 2015, p. 37).

Um exemplo de como eles são afetados pela ideologia patriarcal é relação ao cumprimento do seu papel social enquanto marido, o papel de provedor, a autora vai trazer que o desemprego afeta principalmente os homens, não só materialmente mas na consciência, pois a eles coube prover as necessidades materiais da família e quando não conseguem cumprir com esse papel “[...] são tomados por um profundo sentimento de impotência” e “Além de o sentimento de impotência ser gerador de violência, pode resultar também em impotência sexual” (Safiotti, 2015, p. 38), sendo assim, por não conseguirem cumprir esse papel, além de enfrentarem desafios materiais como a falta de dinheiro, enfrentam também a idéia de terem falhado, e a soma destes processos pode gerar a violência.

Agora pensando na violência em razão do patriarcado mediada com a violência em razão da pobreza, o que era o caso do personagem do livro, o sentimento de que estava falhando enquanto homem e o sentimento causado pelas desigualdades sociais, Safiotti, (2015), vai dizer que a pobreza age como desencadeadora da violência, assim como o álcool e que as pessoas “os pobres seriam agentes de mais violências que os ricos, mas por vivenciarem, mais amiúde, situações de estresse” (Safiotti, 2015, p. 88). A autora ainda irá colocar que há formas de violência indisponíveis para pessoas em situação de pobreza, que apenas ricos podem usar, como o uso do patrimônio para subjugar as suas companheiras.

Sendo assim, o capitalismo utiliza-se do patriarcado como forma de dominação ideológica tanto da mulher quanto do homem a favor do lucro, e esse modo de produção que produz a acumulação de riqueza e consequentemente pobreza, produz as expressões de desigualdade da questão social na qual a violência intra-familiar faz parte.

Em outro momento no texto, em que Pedro passa por três garotos de seu bairro que estavam sentados na rua “soltando um espiral de fumaça pelas narinas e descartando a bagana de cigarro com um peteleco”, o sentimento de Pedro pelos garotos era de dó “mesmo dó que tinha por si mesmo. Ali estavam os três, descalços, vestidos de trapos, sentados no fundo dum beco [...] abandonados pela ‘mãe gentil’ [...] nenhum deles nunca tinha ido à escola”. (Falero, 2020, p. 24). Crianças que tiveram que achar na rua um lar porque não tiveram a experiência de um em casa, crianças que foram marginalizadas, esse termo é importante para reflexão pois ele é muito usado de forma pejorativa “fulano é marginal”, mas ele

revela uma falha do Estado em cumprir com o seu papel enquanto instituição que tem o dever de fornecer saúde, educação, segurança, moradia, alimentação (Brasil, 1988), ou seja, o marginalizada é porque são pessoas empurradas para a margem da sociedade, sem acesso às políticas públicas e nem mesmo ao trabalho produtivo, são pessoas que fazem parte do lumpen proletariado.

A exclusão social apareceria como a face rejeitada do neoliberalismo globalizado, para cujos integrantes não há nenhuma política assistencialista, como se as classes dominantes houvessem desistido de integrar essas parcelas à produção ou à cidadania. No lugar da idéia de um exército industrial de reserva, que destinaria aos marginais uma alta positividade para o funcionamento mais geral do sistema de exploração, teríamos a idéia do estorvo, da exclusão, a imputação de uma sub-humanidade aos grupos, cada vez mais numerosos de excluídos, para quem não se teria um lugar peculiar no mundo (Arendt, 1990), diante da falência assumida do processo de integração social. (Maiolino; Mancebo, 2005, p. 17)

Os autores vão acrescentar sobre esse processo de marginalização e como ele é uma estratégia do neoliberalismo para manter parte da população como exército industrial de reserva, para que quem está empregado em um trabalho precarizado tenha a necessidade de continuar nele, pois sabe que se sair haverá um exército de trabalhadores para substituí-lo.

Pedro ainda cita na obra (Falero, 2020, p. 25) sobre a educação, em razão deles nunca terem ido à escola afirmando que “A educação e o conhecimento eram bens de consumo como outro qualquer, custavam dinheiro, e dinheiro eles obviamente não possuíam” pois de fato a educação não foi criada para todos, há um processo de mercantilização da mesma, por mais que seja um direito garantido pelo Estado, ele não garante condições concretas que todos tenham acesso a ela, pois a educação libertadora de fato constrói consciência crítica o que pode promover a superação da alienação ao lumpen proletariado, o que não é favorável à classe dominante, além de ter a possibilidade de fornecer uma melhora de vida. O personagem ainda cita que “avizinhava-se silenciosamente o dia infeliz que teriam de escolher entre ser bandido ou ser escravo, se quisessem continuar vivendo” pois essa é a realidade de quem compõe o exército industrial de reserva, acaba se

inserindo nos trabalhos mais precarizados ou em trabalhos ilegais para garantir a sua sobrevivência.

Compreendemos então, que as expressões da questão social produzidas socialmente que se manifestam na vida privada no livro são os territórios marginalizados que produzem violências, a mediação da pobreza e do patriarcado produzindo um modelo de homem, mulher e família que produzem violências domésticas e a falta de acesso a política pública de educação gerando um exército de lumpen proletariado. A partir dessas expressões de desigualdade que aparecem, a alternativa foi o ingresso no mercado de trabalho ilegal, no próximo capítulo será discorrido sobre ele.

3.3 MERCADO DE TRABALHO ILEGAL

Neste capítulo nos propusemos analisar o salário que não cobre as necessidades básicas como um dos condicionantes do ingresso no mercado de drogas, como aparece o processo de trabalho no mercado de drogas no livro analisando quem planeja e quem executa o processo de trabalho no mercado da droga e como o produto social desse mercado é repartido durante o circuito da mercadoria pela comercialização e discorrer sobre a violência que perpassa a exploração do trabalho na ponta do mercado das drogas.

3.3.1 Precarização do trabalho como condicionante

A relação deles com o mercado de trabalho legal era a de trabalhadores superexplorados, eles trabalhavam muito e não conseguiam usufruir de nada, trabalhadores embrutecidos e alienados do produto social, mas com consciência desse processo o que causava ainda mais sofrimento pois sabiam que só o esforço próprio e o trabalho duro não ia fazer com que melhorassem as condições de vida.

-Como é que a gente melhora de vida? Se arrastando e se humilhando que nem verme? puxando bastante o saco de patrão, até ser promovido? Trampando que nem burro de carga? Caguetando os colega do trampo que se comporta mal e sendo odiado por eles? Ou será que é por qualificação? Tendo que trampar e estudar ao mesmo tempo? Vivendo que nem um zumbi, sem dormir direito, até se formar? Gastando o que tem e o que não

tem com passagem de ônibus e livro, enquanto os filho tão em casa, um lambendo as orelha do outro pra poder pegar um salzinho, porque não tem o que comer? Imagina tu na facul; só tem burguês na facul, tá ligado? (Falero, 2020, p. 178-179)

Nessa citação Pedro vai demonstrar que ele tem consciência de que para eles melhorarem de vida é muito difícil, é muito humilhante e é uma porcentagem muito pequena de pessoas que conseguem de fato melhorar de vida nascendo pobre através desses meios.

-[...] quando um avião cai, o que acontece com os passageiros?
 -Morrem.
 -Todos?
 -Todos. Na maioria das vezes, todos. Só lá de vez em quando é que sobrevive um ou dois.
 -[...] E qual é a conclusão que tu tira disso?
 -Como assim?
 -Na tua opinião, é difícil ou é fácil sair vivo dum acidente de avião? Afinal, às vez, quando um avião cai, um ou dois passageiro acaba sobrevivendo, não é isso? Então, o que isso significa? Significa que todos pode sair vivo? Mas e os que morre? Por que é que morre? Será que falta força de vontade pros que morre? Será que falta, sei lá, amor pela vida?
 -Mano, eu não tô entendendo onde tu quer chegar... Eu acho que as pessoas morre porque é muito mais fácil morrer do que sair vivo... É uma questão de probabilidade.
 -Pois então, Marques! Na pobreza, que é outro tipo de tragédia, não é diferente. Me mostra um pobre que tenha ficado bem de vida, mano. Me mostra, que eu quero ver. Me mostra alguém que tenha nascido pobre, pobre que nem a gente, e que depois tenha conseguido deixar de ser pobre sem praticar crime nenhum, e sem ganhar na loteria, é claro. Me mostra, sangue bom. Porque pra cada um que tu me mostrar, eu te mostro um milhão que pobre nascero e pobre morrero. Sabe por quê? Porque, como tu mesmo disse, é uma questão de probabilidade. É muito mais fácil um nascido pobre acabar morrendo pobre do que sair da pobreza em algum momento da vida, assim como, num acidente de avião, é muito mais fácil morrer do que sobreviver. A força de vontade não faz a menor diferença, nem numa tragédia, nem na outra.

Nesta citação Pedro vai fazer, em um diálogo com Marques, uma comparação entre “duas tragédias” como ele vai chamar, que seriam a queda de um avião e a pobreza em relação a probabilidade, que é muito mais fácil que uma pessoa pobre morra pobre que saia da pobreza. Para elucidar essa discussão foi trazido dados de 2021 de Schutter apud ONU (2021) que vai dizer que para superar a pobreza em países emergentes como Brasil, Colômbia e África do Sul, pessoas de baixa renda

podem levar até nove gerações, ainda irá reforçar-se a questão da acumulação desigual da riqueza socialmente produzida “os 10% mais ricos controlam 52% da riqueza líquida total, enquanto os 60% mais pobres possuem pouco mais de 12%” (ONU, 2021, s/p).

A lei geral da acumulação capitalista é esse processo, no qual quanto mais o trabalhador produz, mais essa produção sai de suas mãos e se concentra nas mãos dos mais ricos, gerando as expressões da questão social. Conforme Shutter (apud ONU, 2021, s/p) “A desigualdade reduz a mobilidade social e reforça vantagens e desvantagens ao longo de décadas. Fetichizar o mérito é estigmatizar os pobres ou de baixa renda e os culpar por sua condição”. O fetichismo da meritocracia e de que para sair da situação de pobreza é preciso apenas trabalhar muito cai por terra, pois as duas classes sociais não têm as mesmas condições de acesso. A consciência dos personagens da falsidade da meritocrática aliado às experiências vivenciadas no território habitado por pessoas da mesma classe social e que têm as mesmas alternativas de sobrevivência, Marques traz a experiência de amigos que cresceram com ele:

Nascera e se criara na Vila do Campo da Tuca, bairro Partenon, vendo de perto a violência nas mais variadas formas, e seus amigos de lá - amigos de infância - tinham se tornado prostitutas, traficantes, ladrões, viciados, vigaristas ou, a exemplo dele, tinham assumido um posto de trabalho qualquer, na parte mais baixa da pirâmide social (Falero, 2020, p. 32)

Esse era o futuro de quem nasceu, cresceu e vive nas condições que o personagem vive, ganhando a vida através de trabalhos precários, violentos e superexplorados, ou ele estaria sempre ocupando postos de trabalho na parte mais baixa da pirâmide social ou recorreria a trabalhos ilegais sendo exposto à outras formas de exploração como a violência e a falta de direitos trabalhistas.

Essa consciência vai gerar uma revolta interna, fazendo os mesmos pensarem em possibilidades de ganhar mais dinheiro, de melhorar de vida, porém o que via no seu cotidiano, em seu trabalho atual, era esse ciclo sendo repetido e eles encontraram no mercado ilegal, na venda de maconha uma forma de sair desse ciclo, como trás a citação: “Irreversivelmente decidido a vender maconha como

forma de abandonar o rumo inglório em que estava alinhada sua patética vida de cidadão trabalhador” (Falero, 2020, p. 38). Eles não estavam preocupados com as consequências pois estavam tão embrutecidos com a sua vida atual que “[...] mesmo que desse errado, o que o jovem tinha a perder? Nem a cadeia nem a própria morte seriam piores do que a vidinha de bosta que já levava” (Falero, 2020, p. 38). Eles tinham a ciência de que levando a vida que estavam levando, probabilisticamente, era muito difícil melhorar de vida, então decidiram ingressar no mercado de drogas.

O ingresso nesse mercado fez com que os personagens superassem parcialmente a alienação dos meios de produção, pois eles compravam o produto e organizavam o mesmo para a venda, do planejamento pois eles mesmos decidiam como iriam vender, onde, quando, o valor e em certo nível do produto social pois como conseguiam obter uma renda maior, conseguiam através dele acesso a serviços, mercadorias e locais que antes não conseguiam, pois se você é o que você tem, agora eles eram mais, porque tinham mais dinheiro e como na sociedade capitalista você é o dinheiro que possui, agora eles poderiam ter mais acesso ao produto social. Essa superação fez com que os personagens se sentissem mais humanizados e algumas falas vão demonstrar isso:

Claro, podia não ser a história mais bonita em que já se metera, mas, de todas as histórias em que se metera, era a primeira a permitir que figurasse como protagonista, e não apenas como mero coadjuvante. Naquele momento, não se sentia inferior, como sempre acabava acontecendo na rotina estafante do supermercado, em cujo depósito se matava desmontando as montanhas de caixas, pacotes e fardos, para catar os produtos que estivessem acabando nas prateleiras, para depois tornar a montar as montanhas de caixas, pacotes e fardos, para em seguida ir colocar os produtos em seus respectivos lugares nas prateleiras, para que então os clientes viessem e comodamente os pegassem e os jogassem nos carrinhos de compras, sem imaginar a enorme quantidade de suor derramado, a enorme quantidade de energia gasta para que tudo estivesse ali, à mão, e sem imaginar, muito menos, que a remuneração obscena correspondente àquele trabalho todo não supria muitas vezes as necessidades mais básicas de um ser humano, mas sempre prontos a enchê-lo dos mais baixos desaforos se uma única etiqueta de preço estivesse fora do lugar, se um único produto estivesse em falta, ao que ele só podia baixar a cabeça, porque, afinal, o cliente tinha sempre razão. Não; naquele momento, não se sentia inferior. Naquele momento, nem mesmo pensava em tudo de ruim que o supermercado representava. Naquele momento, não era Pedro, o supridor suado e calejado que doando sua alma não fazia mais do que a obrigação, mas sim Pedro, o comerciante que via diante de si um leque de boas possibilidades, que via diante de si um presente melhor do que o passado, que via diante de si um futuro melhor do

que o presente. Naquele momento, era Pedro, o homem da maconha (Falero, 2020, p. 134)

Esta citação demonstra a precarização do trabalho dentro do supermercado, a superexploração conceituada por Marini através do relato da intensidade do trabalho, remuneração abaixo do valor da força de trabalho e o prolongamento da jornada de trabalho.

Após um tempo trabalhando com o mercado de drogas ele consegue começar a receber uma boa quantia em dinheiro com a qual pode bancar as contas da casa e auxiliar a sua mãe para que ela pare de trabalhar, para que ela possa descansar:

Estava livre para assistir à novela da tarde, tomando chimarrão; estava livre para comer bergamotas no sol fofocando com os vizinhos; estava livre para descansar e viver por si mesma, descansar e viver por seus finados pais, descansar e viver por seus finados avós, descansar e viver por todos os que tinham vindo antes dela naquela família e que tinham morrido velhos e calejados sem conhecer aquela sorte de poder, um dia, simplesmente parar de trabalhar para descansar e viver (Falero, 2020, p. 16)

E a realidade dos trabalhadores em situação de pobreza é a de trabalhar até se encontrarem totalmente impossibilitados para o exercício e isso foi retratado no livro com a situação da mãe de Pedro, sujeito que só pode se aposentar após Pedro se encontrar em melhores condições financeiras, o que se deu apenas após ele ingressar no mercado de trabalho ilegal, ele ainda coloca na citação que foi a primeira vez em gerações que se poderia parar de trabalhar para “descansar e viver.

Para elucidar e trazer o contexto da realidade atual, a previdência social brasileira, situada dentro do sistema de seguridade social”, é um fator para a dificuldade de “descansar e viver”. Dadas as suas contrarreformas (que no ano em que o livro foi lançado já estavam em vigor) a realidade de uma aposentadoria que contempla as condições mínimas de existência é muito distante, desde cumprir os requisitos para aposentar-se até o valor que é recebido por ela.

Ou seja, não foi uma escolha pessoal ingressar nesse mercado, (Marx, 2020, p. 6) vai dizer que “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como

querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Os personagens ingressaram no mercado de drogas, mas não escolheram por uma motivação ou escolha individual, não escolheram porque queria fazer parte por ostentação ou o que fosse, optaram pois era o que aparecia como alternativa de sobrevivência, uma alternativa para viver.

Compreende-se então que no livro o mercado de trabalho legal aparece como condicionante para o ingresso no mercado de drogas, pois enquanto classe trabalhadora e pessoas pobres, a probabilidade de melhorarem a sua condição financeira a ponto de acessar uma grande quantidade do produto social e de viverem uma vida sem preocupações e humilhações é muito pequena. Eles, então, cientes do processo de trabalho no sistema capitalista, cujo lucro se dá pela exploração e expropriação da mão de obra e da acumulação de capital, onde poucos acumulam muito dinheiro e muitos não possuem quase nada, e vendo as experiências dos amigos que cresceram com eles e que vivenciam a mesma realidade, acabam optando pelo mercado de drogas como uma alternativa de melhora de vida.

O resultado deste ingresso no mercado ilegal, também aparece no livro e é trazido como resultado, que foi a sensação de pertencimento naquilo que fazia, a superação de níveis de alienação e o sentimento de alegria por ver sua mãe conseguir descansar e viver. Entretanto, eles não tinham consciência de que mesmo que estivessem em melhores condições de vida, ainda estavam em uma relação de trabalho movida pela exploração, dada que o processo de trabalho no mercado ilegal se dá, como no mercado legal, lucrando através da exploração.

3.3.2 Circulação da mercadoria

O processo de trabalho no mercado de drogas não aparece no livro, o que aparece é apenas a visão que os personagens principais têm dessa divisão, uma visão limitada a vivência e a realidade deles. Alguns trechos vão falar da relação deles com quem chamaram para fazer parte da venda da maconha, e outras de Pedro e Marques com o fornecedor.

A relação de Pedro e Marques (personagens que tiveram a idéia e o trabalho de ir atrás do fornecedor e conseguir dinheiro para comprar a mercadoria) com os

outros dois conhecidos que eles chamaram para fazer parte do mercado ilegal era de forma horizontal e isso se deu por pressão de Pedro que dizia que:

Vamos dizer que alguém aceita vender maconha pra nós ganhando menos dinheiro do que nós: até que ponto a gente vai poder confiar nessa pessoa? Ligeirinho essa pessoa vai querer passar a perna na gente pra ganhar mais grana, e com razão, na real (Falero, 2020, p. 130)

Essa visão se dava pela experiência dele enquanto empregado e a revolta que sentia por receber muito menos que o que produzia, por isso eles acordaram em “[...] dividir todo o lucro sempre em quatro parte igual” (Falero, 2020, p. 129) entre eles que trabalhavam na ponta.

A relação deles com o fornecedor começa com o colega de trabalho dos personagens dando o número de um homem, Fabrício, que vendia maconha, para que eles pudessem comprar dele e posteriormente revender, eles então entraram em contato com Fabrício:

-[...] Eu quero maconha.
 -O mínimo é dois quilos
 -E quanto custa cada quilo?
 -Setecentos
 -[...] eu tenho só mil, e não tenho de onde tirar mais. Será que eu posso ficar devendo quatrocentos, pra eu comprar os dois quilos? Ou, de repente, tu abre uma exceção e me vende só um quilo, pra eu começar?
 -Bom, tu é camarada do Jorge, não é? Vou deixar tu pendurar quatrocentos.
 [...]
 -[...] tu tem um mês pra pagar o resto, tá bom assim?
 Não havia tom de ameaça na voz de Fabrício. E nem precisava: Pedro já se sentia ameaçado pelas próprias circunstâncias que se desenhavam à sua volta. Não conhecia bem o homem do outro lado da linha, mas seu palpite era que ele não iria lhe mandar flores caso a dívida não fosse paga no prazo de um mês.
 -Pode ser. (Falero, 2020, p. 86-87)

Pode-se inferir que Pedro e Marques tomam conhecimento do mercado das drogas por meio dessa relação estabelecida com um fornecedor do qual eles vão comprar a mercadoria para revender na ponta. A relação com o fornecedor é explicitada nesse trecho como uma relação na qual eles negociam e não há uma

ameaça aparente, por mais que o contexto e as experiências deixe subentendido que não é a melhor circunstância para se ficar devendo, para um empréstimo, pois as experiências de quem fica devendo resultam em violência.

Fabício, o fornecedor, estava lucrando com Marques e Pedro, por mais que isso não ficasse explícito no livro, pois na obra o lucro aparece apenas quando o motoboy “Alemão” entrega para Fabício a quantia de dinheiro adquirida no dia, Fabício então diz: “tem dez mil reais em droga aí; significa que a tua parte é quinhentos” (Falero, 2020, p. 117). Ou seja, o preço que fica com Fabício, o chefe de Alemão, é bem maior que o que fica com o empregado, mas Alemão tem consciência desse valor que fica com o chefe. No entanto, mesmo que seu pagamento seja bem inferior ao do chefe, ainda é um preço que o permite ampliar seu acesso ao produto social.

É importante ressaltar que essas relações informam sobre uma pirâmide social no mercado das drogas no qual pode-se constatar que Pedro e Marques estão abaixo de Fabício, seu fornecedor. No entanto, a relação de todos esses personagens do livro não demonstram o processo de produção de trabalho geral do mercado das drogas, pois não mostram as relações dos verdadeiros burgueses no processo de reprodução de mais valor nesse mercado. Em síntese, tanto Pedro e Marques como Fabício são trabalhadores da ponta desse mercado ilegal e ficam com os menores rendimentos e com a responsabilidade por desempenhar as atividades mais precárias desse ramo de produção. Dessa forma, pode-se entender que Pedro e Marques estão com a sensação de estar no protagonismo do trabalho que desempenham, pois têm consciência e um certo controle do processo que perpassa a compra do fornecedor para revender a mercadoria no território do qual fazem parte.

No entanto, eles estão alienados do processo de trabalho geral do mercado das drogas que os usam como bucha de canhão, visto que se inserem no negócio como a primeira peça que cai, pois quando Estado penal intervém ele vai criminalizar as populações que se inserem na circulação da mercadoria “maconha” em decorrência da sua própria pobreza, através da guerra às drogas. O processo de trabalho no mercado de drogas não aparece no livro, aparece apenas na perspectiva dos personagens na parte da circulação da mercadoria, a relação com o fornecedor, com o motoboy que é empregado do fornecedor e com os colegas na distribuição,

na qual fica subentendido que há uma relação hierárquica, que há lucro, mas não mostra o fundo do iceberg, pois esse mercado é sustentado pelos super-ricos e pela estrutura do capitalismo. Da mesma forma essa relação hierárquica abate violência que esse mercado gera, pois quem está na ponta que vai ser a mira.

3.3.3 Violência que perpassa a exploração do trabalho

A violência que perpassa a exploração do trabalho na ponta do mercado de drogas é situada em poucos momentos no livro. Aparece apenas em razão da disputa pela venda da mercadoria e no final com o encarceramento de Pedro. A violência no mercado de drogas é uma forma de precarização que nesse mercado atinge um grau muito alto, pois ao se tratar de um mercado ilegal não se há direitos trabalhista, em razão disso, não há nenhuma garantia a proteção do trabalhador e a violência é um risco iminente.

A violência que aparece no livro é em razão da disputa de território pela droga e pelo encarceramento, e só vai aparecer após eles já terem adquirido um bom capital e quando o pensamento em formas de parar com a venda ilegal era evidente. A violência vai ser efetuada por um grupo de muitas pessoas que se mudam para a rua de Luan, grupo esse que esbanjava dinheiro, drogas, armas e festas. Eles abordaram Luan e anunciaram: “[...] vamo levar ele lá pro Redondo e vamo matar ele lá [...] e mais gente vai ver. Daí todo mundo fica sabendo que ninguém tá aqui pra andar de gangorra” (Falero, 2020, p. 240). Eles queriam mostrar naquele território que eles mandavam, por isso, queriam matar Luan no meio de todo mundo. Luan, então, mente que tem uma quantia em dinheiro em casa e consegue levá-los até lá para fugir, chegando lá consegue fugir mas após estar longe do local recebe uma ligação de que eles haviam levado a sua mãe para o redondo e a matado.

Não só morrerá: fora fuzilada em público! E nada seria feito a respeito. Nada! Era inútil esperar que houvesse comoção: ninguém se importava. Deus, ninguém se importava! Era o tipo de coisa que acontecia todo dia — todo santo dia! Pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração, eis que aquela mulher era expulsa da existência, e mesmo exterminada de maneira tão brutal, mesmo assassinada à luz do dia, mesmo estraçalhada a céu aberto, mesmo aniquilada diante de quem

quisesse ver, mesmo assim, nada: ninguém se importava, nada seria feito, ficaria tudo por isso mesmo! Um ser que absolutamente invisível viera ao mundo, absolutamente invisível o habitara e absolutamente invisível desaparecia dele! Um ser produzido e destruído na lama da indiferença plena: era como se nunca tivesse existido! Um ser cuja vida e morte confundiam-se nos matizes do descaso total. Ah, Deus do céu, que mundo era aquele? Tudo estava errado demais! O mundo estava errado demais, as pessoas estavam erradas demais! (Falero, 2020, p. 246)

Ela, uma mulher negra, pobre e periférica, não tinha valor, por isso nada seria feito se ela morresse, outra pessoa da classe trabalhadora que compõe o exército industrial de reserva assumirá o seu lugar. Dentro do sistema de produção capitalista alguns corpos valem mais que outros e o dela valia muito pouco dados seus demarcadores sociais, ocupava o último lugar na pirâmide social. Usou-se Ferrugem, (2022) para complementar essa discussão, a autora vai dizer que no capitalismo, as relações sociais se universalizaram criando um contingente de expropriados, mas mantendo as opressões das outras formações sociais como o racismo e o patriarcado, utilizando dessas opressões como forma ideológica de manter a expropriação e exploração da classe trabalhadora, mantendo assim o sistema de acumulação desigual de capital. Esse processo se dá também em relação à violência “há um sistema que, a partir da racialização e do necropoder, define quem deve viver e quem deve morrer” (Ferrugem, 2022, p. 59). Esse sistema é o capitalismo, no qual o ser humano assume roupagens a partir do que possui e o que pode adquirir, e a personagem do exemplo não tinha valor, e poderia ter a sua mão de obra facilmente substituída.

Em relação à segurança como política pública nas periferias, ela assume a forma repressiva de Estado penal, pois o território é ideologicamente colocado como inimigo através da criminalização das pessoas que vivem nele e isso guarda resquícios do processo de escravidão pois o Estado penal atual é uma reconstituição do Estatuto Civil do Escravo de 1824, pois na época para se manter valer a força da lei e da ideologia para conter as manifestações de resistência da população que se encontrava escravizada, manter a idéia de que as pessoas deveriam ser escravizadas pois eram uma ameaça, construiu-se uma imagem de que a pessoa escravizada era uma inimiga, criminalizando as resistência, a revolta, a sua luta,

através de uma lei que criminalizar o corpos específicos, corpos negros (Duarte, 2019)

O Estado penal no tempo presente é um reflexo desse período da mesma forma que a sociedade em um geral, em particular o Brasil por ser um dos últimos países a abolir a escravidão. O Estado penal tem raça, tem classe e tem gênero, e atua de forma violenta com essa população até os dias atuais. E a resistência hoje se dá através de movimentações sociais e as denúncias em formato artístico (como o funk e o rap), por isso essas manifestações de resistência são criminalizadas, pois quando a população possui consciência crítica dos processos que permeiam sua vida é mais difícil mantê-los pacificados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa a partir de sucessivas aproximações teóricas e empíricas presentes na obra desvenda as mediações da questão social com o mercado de drogas no livro “Os Supridores” de José Falero, buscando analisar as expressões da questão social e compreendê-las como condicionantes para o ingresso e permanência no mercado de drogas e compreender como o mercado de drogas aparece no livro com o intuito de, compreender o mercado legal como condicionante para ingresso nele e a organização do processo de trabalho no mercado das drogas contribui para reproduzir a questão social.

A partir da análise de conteúdo como aporte metodológico, foi possível identificar que as expressões de desigualdade da questão social vivenciadas cotidianamente pelos personagens do livro resultam, também, em violências intrafamiliares manifestadas na vida privada dos personagens. As desigualdades cotidianas somadas a consciência crítica de entender superexploração do trabalho no modo de produção, fez com que os personagens ingressem no mercado de

drogas como alternativa de sobrevivência, como uma forma de resistência individual através da consciência de classe em si, pois como eles não tiveram uma experiência de organização coletiva, pois se tivessem teriam adquirido uma consciência de classe para si, eles não conseguiram desenvolver uma perspectiva de mudança no modo de produção.

Foi possível identificar também que a precarização do trabalho foi um fator que os fizeram ingressar no mercado ilegal, no livro não aparece como se dá o processo de trabalho no mercado de drogas, o que irá aparecer é a perspectiva dos personagens que estão atuando na ponta deste mercado, demonstrando que há uma relação hierárquica mas ficando evidente apenas até o fornecedor dele, não mostrando toda a estrutura deste mercado. A violência resultante deste mercado aparece apenas na disputa pelo território de venda do psicoativo e no final do livro com o encarceramento de um dos personagens, mas fica evidente como a segurança pública atua em territórios periféricos, criminalizando corpos específicos que são facilmente substituíveis na produção de mais-valia.

Diante disso, retoma-se o problema que norteou este estudo: “Como são retratadas as mediações da questão social com o mercado de drogas no livro ‘Os supridores’?”. Com base na análise realizada, responde-se que as expressões de desigualdade da questão social são condicionantes para o ingresso no mercado de drogas, e que esse ingresso é uma forma de sobrevivência e alternativa de resistência com a perspectiva de melhora frente às condições materiais impostas pela situação de pobreza impostas à classe trabalhadora.

Conclui-se que há necessidade de organização coletiva e de transformação da estrutura do trabalho através de uma redistribuição igualitária do produto socialmente produzido, pois enquanto a organização do trabalho continuar sendo feita através da exploração e apropriação dos meios de produção, as condições da classe trabalhadora serão desiguais. Essa transformação pode se dar com fomentos na educação para que a classe trabalhadora construa uma consciência crítica de classe. Essa organização coletiva não foi conquistada com os personagens do livro por isso eles não conseguiram enxergar uma mudança das estruturas sociais, apenas visualizaram uma mudança individual.

Espera-se que o resultado desta pesquisa tenha também alcançado os resultados esperados academicamente preenchendo a lacuna de estudos que

relacionam a mediação das expressões da questão social que aparecem no cotidiano da classe trabalhadora enquanto condicionantes e a precarização do trabalho no modo de produção capitalista visto que eles não fornecem uma melhora das condições de vida e uma superação da alienação, e a mediação desses processos com a inserção em mercados ilegais como forma de sobrevivência, melhora de vida e superação da alienação e que tenho sido uma forma de fornecer aos profissionais assistentes sociais reflexões a fim de superar o estigma construído em torno do mercado de drogas, para que os mesmos utilizem da mediação desses dois processos para construir ferramentas de intervenção profissional com essa população.

Por fim, este trabalho não esgota a discussão. Considera-se que as categorias desenvolvidas nesta monografia servem como base para investigações futuras. Sugere-se, portanto, a realização de estudos comparativos que apliquem a mesma metodologia a outras obras do autor, ou que cruzem a análise deste livro com documentos institucionais da época, a fim de expandir a compreensão sobre o fenômeno estudado no campo do Serviço Social.

REFERÊNCIAS

ADL. **Favela Vive 3** - ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa & Negra Li (Prod. Índio & Mortão). YouTube, 9 ago. 2018. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>. Acesso em: 29 jun. 2026.

ADL. **Favela Vive 5** - ADL | Major RD | Mc Hariel | Mc Marechal | Leci Brandão (Prod. Índio). YouTube, 26 jan. 2023. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=R_4Clufmtq8. Acesso em: 29 jun. 2026.

ATAQUE dos EUA contra a Venezuela deixa dezenas de mortos e fere civis. **G1**, [s. l.], 7 jan. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/01/07/ataque-eua-mortos-civis-venezuela.g.html>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª reimp. da 1. ed. São Paulo. edições 70, 2016.

BARROS, Gracinda. **Literatura Marginal Periférica**. In: Wikifavelas. Dicionário de Favelas Marielle Franco. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Literatura_Marginal_Perif%C3%A9rica. Acesso em: 11 jun. 2026

BELLO, Luiz. 8,6 milhões de pessoas saíram da pobreza entre 2023 e 2024.

Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 3 dez. 2025. Estatísticas Sociais.

Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45344-8-6-milhoes-de-pessoas-sairam-da-pobreza-entre-2023-e-2024>. Acesso em: 01 jun. 2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 jun. 2026.

BRASIL, Cristina Índio do. PF faz operação que apura crimes praticados por policiais civis do Rio. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 20 out. 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/pf-faz-operacao-que-apura-crimes-praticados-por-policiais-civis-do-rio>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento nacional de informações penitenciárias: **INFOPEN**

Mulheres. 2. ed. Brasília, DF: DEPEN, 2018. Disponível em:

https://conectas.org/wp-content/uploads/2018/05/infopenmulheres_arte_07-03-18-1.pdf. Acesso em: 26 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos. **II Relatório Brasileiro sobre Drogas: sumário executivo**. Organizadores: Emérita Sátiro Opaleye et al. Brasília: MJSP, 2021. 49 p. Co-edição com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Disponível em:

<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/arquivo-manual-de-avaliacao-e-alienacao-de-bens/SumarioExecutivoIIRelatorioBrasileirosobreDrogas.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2026

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000

COELHO, Lisiani; SPAREMBERGER, Alfeu. Os Supridores, de José Falero: A Periferia do Rio Grande do Sul em Foco. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-9, e-17888, 2021. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.

Acesso em: 11 jun. 2026

COSTA, Renata Gomes da; RAFAEL, Josiley Carrijo. Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo.

Temporalis, Brasília, DF, ano 21, n. 42, p. 77-93, jul./dez. 2021. Acesso em: 15 mai. 2026

DAMASCENA, Monique; NETO, Guilherme; SILVA, Jorge. Notas a Respeito da Investigação e Exposição no Método de Marx. in: DAMASCENA, Monique; SILVA, Jocenir; SILVA, Jorge. **Temas Sem Fronteiras: Apreensão crítica e proteção na América Latina**. vol. 2 - São Borja: Unipampa; Rio de Janeiro: MC&G, 2022. p.19-40.

DIEESE - Departamento Intersindical De Estatística E Estudos Socioeconômicos. **Salário Mínimo Nominal É Necessário**. São Paulo: DIEESE, 2026. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 16 jul de 2026.

DUARTE, Joana das Flores. **Despossuídas do Século XXI**: mulheres no mercado de drogas no Brasil na última década (2006-2016). 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9067>. Acesso em: 29 nov. 2025.

FALERO, José. **Os Supridores**. 1º ed. São Paulo: Todavia, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2004

FERRUGEM, Daniela. **A racialização como estruturante da questão social**: entre silêncios e insurgências na produção de conhecimento em serviço social. Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10518>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALPERN, Bruno. **O real motivo do fim da escravidão** | Articulando. YouTube, 2 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9eZiA1RD7E>. Acesso em: 20 fev. 2026.

IAMAMOTO, Marilda. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAIOLINO, A. L. G.; MANCEBO, D. **Análise histórica da desigualdade**: marginalidade, segregação e exclusão. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 14–20, maio 2005.

MARTINS, V. L.. A política de descriminalização de drogas em Portugal. **Serviço Social & Sociedade**, n. 114, p. 332–346, abr. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Versão para eBook: Ridendo Castigat Mores. [S. l.]: eBooksBrasil.org, 2000. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/brumario.pdf> Acesso em: 10 jun. 2026

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Pessoas de baixa renda levam de quatro a cinco gerações para romper com a pobreza. **Nações Unidas Brasil**, 21 out. 2021. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/152568-pessoas-de-baixa-renda-levam-de-quatro-cinco-geracoes-para-romper-com-pobreza>. Acesso em: 20 jun. 2026.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis**, Brasília, DF: ABEPSS, ano 2, n. 3, p. 41-50, jan./jul. 2001.

FOLHA, de S.Paulo. Operação policial no Rio ultrapassa Carandiru e se torna a mais letal do país. Folha de S.Paulo, São Paulo, 29 out. 2025. **Cotidiano**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/10/operacao-policial-no-rio-ultrapassa-carandiru-e-se-torna-a-mais-letal-do-pais.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2025.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995

PONTES, Reinaldo Nobre. A categoria de mediação em face do processo de intervenção do serviço social

PONTES, R. **Mediação e Serviço Social**. Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), [s.d.]. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/rafaela.ribeiro/instrumentos-e-tecnicas-de-intervencao/pontes-r-mediacao-e-servico-social/view>. Acesso em: 15 jul. 2026.

REDES DA MARÉ. **Boletim Dados de Direito à Segurança Pública na Maré**. Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Boletim_Seguranca%CC%A7a_Publica_Rd.pdf. Acesso em: 19 jun. 2026

RAIMUNDO, Valencie José. A violência no cotidiano da juventude negra. **Temporalis**, ISSN-e 2238-1856, Vol. 14, Nº. 27, 2014.

RIBEIRO, D. B.; SILVA, N. L. A.. Produção de conhecimentos no Serviço Social e o debate sobre drogas. **Revista Katálysis**, v. 27, p. e97059, 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Segurança Pública. Boletim técnico n. 2: **perfil das mulheres privadas de liberdade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SSP/RS, 2025. Disponível em: SSP/RS – Boletim Técnico Mulheres 2025. Acesso em: 26 maio 2026.

ROCHA, A. P.. Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. **Serviço Social & Sociedade**, n. 115, p. 561–580, jul. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SALDANHA, Rafael. Megaoperação: **Comandante contrária Castro e fala que "emboscada foi do CV"**. CNN Brasil, Rio de Janeiro, 13 jan. 2026. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/megaoperacao-comandante-contraria-castro-e-fala-que-emboscada-foi-do-cv/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

SANTOS, A. F. DOS .. Mulheres e reprodução social no mercado ilegal das drogas no Brasil e na Colômbia. **Serviço Social & Sociedade**, v. 148, n. 3, p. e-6628468, 2025.

SERASA. **Custo médio de vida do brasileiro é de R\$3.520 por mês**, revela Serasa. São Paulo, fev. 2026. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/imprensa/custo-medio-de-vida-do-brasileiro/>. Acesso em: 20 maio 2026.

TRINDADE, Hiago. Crise do capital, exército industrial de reserva e precariado no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 129, p. 225-244, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/3TSwtXZPh6frCZF7QBNTLbP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 abr, 2026

TV Boitempo. Curso: **O CAPITAL, de Marx** // Aula 03 // Marcelo Carcanholo. Youtube, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/6JYKsqECnoI?si=ZMqNwbe2f3R3rTd0>. Acesso em 17 jun. 2026.

APÊNDICES

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

ROTEIRO DE ANÁLISE - AMOSTRA	
IDENTIFICAÇÃO: Título: Os Supridores Ano: 2020 Autor/a: José Falero Tipo de documento: Livro	
PROBLEMA/OBJETIVO GERAL: Analisar o mercado de drogas e as expressões da questão social no livro “Os Supridores” de José Falero; a fim de compreender a arte como resistência político-pedagógica para apreensão da realidade.	
DADOS COLETADOS (CITAÇÕES)	OBSERVAÇÕES
Questão Norteadora 1.	

Analisar as expressões da questão social no livro “Os Supridores” de José Falero; a fim de, compreendê-las como condicionantes para o ingresso, permanência e saída do mercado de drogas.	
1- Observar as mediações entre expressões da questão social que se expressam materialmente e expressões da questão social que se expressam na consciência:	
2- Observar como expressões da questão social produzidas socialmente se manifestam na vida privada:	
Questão Norteadora 2 Compreender como o mercado de drogas aparece no livro, com o intuito de compreender como a organização do processo de trabalho no mercado das drogas contribui para reproduzir a questão social	
1- Observar a precarização do trabalho como condicionante do ingresso no mercado de drogas	
2- Analisar quem planeja e quem executa o processo de trabalho no mercado da droga e como o produto social desse mercado é repartido durante o circuito da mercadoria pela comercialização	
3- A violência que perpassa a exploração do trabalho na ponta do mercado das drogas	